

10 + 10 + 10



**(CONTOS, CRÔNICAS,
POESIAS)**

FLAVIO GOULART

2023

CONTOS

1. UM JARDINEIRO

O jardineiro desta história não sou eu. Sou livreiro, dono de uma pequena livraria, quase falida. Como as vendas andam poucas e os credores numerosos, gasto meu tempo em leituras e às vezes também em andanças pelas imediações, atrás de novidades interessantes e pegando conversas aqui e ali. É que de tanto ler e trabalhar com livros, fico caçando histórias e às vezes me dá vontade de escrever também, como faço agora. Dias atrás, andando aqui pelo pedaço, escutei conversas que me deixaram curioso. Os frentistas do posto de gasolina e a velhinha de aventalzinho xadrez pareciam bem preocupados com um meio mendigo, morador de rua esfarrapado e sujo, que aparecera por aqui. O cujo insistia em medir, sinalizar e escavacar o gramado defronte ao condomínio de apartamentos do outro lado da rua.

Gente assim normalizada talvez até tenha razão em não entender o que via. Mas mesmo para mim, que gosto de ler e estou acostumado com tipos estranhos, nos livros pelo menos, achei aquelas conversas bem inusitadas, ao tratarem de um tipo mais estranho ainda. Vejam só...

- *Viu só a pinta do cara que agora faz ponto ali no gramado?*
- *Não tinha visto ainda. Fala daquele deitado na sombra do jamelão?*
- *Sim, aquele mesmo, sujo e mal arrumado como ele só – e fedido...*
- *Cruzes! De onde será que aparecem umas figuras assim? Será que caem de algum caminhão de lixo?*
- *Faz duas semanas que está aí. Não tem cara de fazer mal a ninguém. Mas tem um jeito estranho.*
- *É esquisitão mesmo, ainda mais com este cheiro e estas roupas esfarrapadas.*
- *Sei lá o que é isso... O sujeito passa o dia tomando medidas com um bastão e um pedaço de corda. Anda pra lá e pra cá, como se fosse um mestre de obras ou coisa assim. E vai fintando aqui e ali uns pauzinhos.*

- É cada um que aparece... Lembra daquele que ficou ali mesmo por uns tempos, com uns vinte cachorros ao redor dele? Até chamaram a assistência social. Porque a cachorrada encheu isso aqui de pulgas e até mesmo um vira-lata andou mordendo gente. Depois disso veio até a carrocinha – e fui um fuzuê de primeira.

- Espia agora, arranjou uma enxada velha e começou a fazer buracos. Desde ontem começou com isso.

- Dá licença, moço... Vai completar o tanque freguês, quer que olhe a frente?

- Ok, beleza, até mais!

- Meu filho, inda que mal lhe pergunte: o que você está fazendo aí?

- ...

- Não quer responder? Melhor que você me esclareça... Faço parte da administração daqui da quadra e sei que não é permitido gente dormindo debaixo das árvores e ainda mais fazendo buracos na grama. Melhor você explicar para mim antes que...

- ...

- Não quer falar nada e ainda vai me dando as costas... Olha que você vai se arrepender!

- Jardim. Um jardinzinho só...

- Você está querendo dizer que vai fazer um jardim aqui?

- Sinhora sim.

- Olha meu filho: este gramado faz parte de um projeto paisagístico, entende? E para todos os efeitos é um jardim; já está pronto!

- Inhora?

- Vou te explicar melhor: não precisa de ninguém vir fazer jardim aqui, entendeu?

- Mas pricisa...

- Precisa o quê meu filho? Você parece não entender bem as coisas.

Afinal, como é que podia um indivíduo como aquele, vindo do andar de baixo da sociedade, parar ali para simplesmente cuidar de paisagismo, pensei eu. Ainda mais em uma cidade que é considerada exemplo mundial em tal quesito?

Eu já havia observado o personagem por algumas vezes e depois de ouvir tais conversas resolvi acompanhá-lo mais de perto, como novidade em um cenário de poucos acontecimentos, entre os quais meus escassos fregueses na livraria. Quem sabe aquele ali não seria portador de algum segredo, que me caberia revelar ou quem sabe descrever, para fazer justiça às minhas pretensões intelectuais, bebidas em Margaret Mead e Agatha Christie, entre outros. Um modo de curiosidade quase antropológico, diria eu. E assim me pus em estado crescente e irrevogável de curiosidade, coisa humana em demasia, *a la Nietzsche*.

Pensei, para início de conversa (ou como ideia guia de uma tese antropológica, sei lá...): o que estaria fazendo ali tal sujeito, que sentimentos ou desejos de fato o moviam, de onde vinha e para onde iria uma vez completada sua obra? Se é que tinha uma “obra” em mente. Ele já se revelara, nas minhas primeiras aproximações, como indivíduo capaz de demoradas e refletidas observações das coisas que o rodeavam, sendo capaz de ficar longos minutos à sombra de uma espirradeira, para finalmente decidir onde fincaria sua próxima estaca. E cada buraco que cavava era medido e definido topograficamente como se fosse passar por ali a salvação da humanidade. Um homem comum filósofo, na acepção gramsciana, quem sabe.

Era o caso de esclarecer aquilo melhor e logo comecei a aproveitar, para fazer investigações, os momentos em que não havia clientes na livraria – coisa bastante frequente, para meu desgosto. Em tais ocasiões, ficava olhando de longe o personagem, o que me exigia muita paciência, porque ele era de fato pouco dado a circunvagações. Um dia eu o peguei na porta da padaria, onde o proprietário bancava um programa informal de distribuição gratuita de pão dormido. Ali pude ver que esperava calma e resignadamente a sua vez, levando uma latinha de goiabada que lhe servia de prato, na qual recolhia seu pedaço de pão, além de alguma broinha ou pão de queijo, ou o que mais houvesse. Saiu de lá carregando um pacote de leite já previamente avariado, deixando pingar o líquido pelo chão, sem se abalar. Rumou então para seu cantinho, na sombra de um jamelão e ali comeu sua porção, mastigando com delicadeza e sem nenhuma pressa, como se aqueles restos amealhados na padaria fossem manjares formidáveis. E de costas para passantes, fazendo do ato de se alimentar um ritual exclusivo e vedado aos demais. Uma vez alimentado voltou ao seu mister: observar, medir, estaquear, observar, fazer buracos, observar, estaquear...

Minha curiosidade dava saltos ao ver os buracos feitos laboriosamente por ele, que me pareceram, em um primeiro momento, ter destino ocioso. Mas não era bem assim, pude perceber em seguida. Ele fazia

incursões em terrenos vizinhos, ou mesmo mais remotos, de lá trazendo ramos diversos, que ia fincando na terra solta dos buracos, com precisão e método, pois frequentemente se detinha observar longamente, cobrindo os olhos dos raios do sol, o alinhamento ou a estética do que acabara de plantar. Sim, porque aquilo tinha todo o jeito de um plantio, embora eu tivesse dúvidas se toda aquela ramagem colhida a esmo, seria de fato viável para brotar no terreno seco. Para completar, trazia pedras, cacos de tijolos ou pedaços mais grossos de madeira, para delimitar cada uma de suas covas, construindo montinhos desorganizados aqui e ali. Não contente, ainda fincava umas varetas adicionais, às vezes até pedaços de móveis velhos e canos enferrujados e quebrados achados no lixo, ao que parece tentando criar uma barreira de proteção para suas plantas.

Em um sábado resolvi não abrir a livraria, para segui-lo mais de perto. Por azar, ele não apareceu, nem no jamelão, na espirradeira ou alguma de suas sombras habituais. Na padaria também não estava, mas dei de cara com a senhorinha, com a qual eu tinha presenciado aquela conversa meio ameaçadora uns dias antes. Eu a conhecia superficialmente, talvez de alguma passagem dela pela livraria ou mesmo dali da padaria mesmo, onde eu costumava tomar um café antes de abrir meu boteco livreiro. Resolvi abordá-la, falando do personagem e inquirindo-a sobre sua impressão sobre o mesmo, como se eu também estivesse desconfiado de seu comportamento. Fiz isso para deixar a mulher à vontade, e parece que funcionou, pois ela me despejou uma longa arenga sobre o que considerava como uma invasão da nossa cidade e particularmente de nosso bairro por parte do que denominava de “uma horda de gente desqualificada”, lamentando que o governo ou a polícia não tomassem providências quanto a isso.

Eu nem argumentei. Aliás, não encontrei o que dizer a ela e, além do mais, aquilo não aliviava em nada a minha curiosidade de antropólogo amador, apenas adicionava ingredientes ao cenário de preconceitos e senso comum com qual eu já estava acostumado a conviver, na família, entre alguns dos clientes da livraria e mesmo por parte de alguns amigos menos próximos.

Pensei comigo: quem sabe os frentistas do posto de gasolina teriam alguma informação adicional sobre o misterioso jardineiro? Eu já conhecia a turma dali, por abastecer meu Fusca semanalmente e até por trocar com eles, lá uma vez ou outra, informações sobre futebol e outras banalidades.

- *Vocês viram o jardineiro do gramado ali de frente por aí hoje?*
- *Jardineiro? Tá falando daquele mendigo que fica por aqui?*

- *Sim ele mesmo.*
- *Eu não vi, doutor. Você viu Severino?*
- *Parece que sumiu por esses dias, às vezes faz isso. Costuma ficar até quatro ou cinco dias fora daqui, mas sempre volta.*
- *O que vocês sabem sobre ele?*
- *Ah quase nada... O cara parece meio misterioso...*
- *Ele já conversou com vocês?*
- *A bem dizer, não. Fala umas coisas que ninguém entende.*
- *Mas mudo ele não é...*
- *Não é mudo não. Eu já vi ele falando com árvore e até com as curicacas que chegam até aqui no final da tarde. E olha que parece que sabe conversar também como gente normal. Como se perguntasse e respondesse, pois de vez em quando fica calado, como se estivesse ouvindo o que outra pessoa diz.*
- *Ele veio aqui no posto alguma vez?*
- *Muito raro... Já veio para usar o banheiro um par de vezes, mas o gerente proibiu de entrar. Disse que pegava mal para a empresa. Mas a gente já viu, de madrugada, ele tomar banho numa mangueira que fica aí à disposição dos motoristas. Esses banhos não adiantam nada, porque ele veste sempre a mesma roupa, encardida e fedorenta que só.*
- *E amigos, visitas... Alguém com jeito disso por aqui?*
- *Gente e suja e esfarrapada como ele não, com certeza. O cara é muito solitário.*
- *Nada mesmo?*
- *Ah, tem a mulher que vem de vez em quando, pela noite.*
- *Contem como é isso!*
- *É tipo madame, vem de carrão, até com motorista. Chama ele, acho que é Alberto o nome, e ele custa a aparecer, parece que tem má vontade com ela, mas acaba vindo. Às vezes o motorista vai atrás e traz ele, na base do convencimento.*
- *Que história Hein, conta mais...*

- *Não acontece nada de especial. Ela traz uns pacotes, parece que de comida. Ele come um pouquinho e dá o resto pros pombos. Roupas também, mas isso aí, se ele usa não sabemos. Ou então amarrota, rasga e suja bastante antes de vestir. O bicho é doidão demais, doutor...*

- *Legal! Completam o tanque. O troco fica pra vocês!*

Caramba, aquilo era um caso e tanto!

Passados uns dias, ao chegar na livraria, pudevê-lo novamente. Parei bruscamente o Fusca, quase o deixando no meio da rua e me aproximei dele. Andrajoso como sempre, mas com a diferença agora de que usava uma espécie de jaqueta militar, pois o tempo andava frio. Até parecia elegante, não fossem os farrapos sujos por baixo do casaco e aquela gaforinha mal penteada e mal lavada. Saudei-o; não respondeu.

Perguntei se gostaria de conversar comigo um pouco. Redarguiu com um muxoxo de indiferença. Quis saber de seu nome e nada me disse. Acompanhei-o até o jamelão, em cuja sombra ele havia guardado alguns ramos recém colhidos e a ferramenta de trabalho, nada mais que uma simples enxadinha. Acompanhei-o, agora em obsequioso silêncio, mas o que ele fez foi afastar-me com as mãos, em gesto impaciente de quem não queria conversa.

- *Melhor deixar para outro momento – pensei – não deve estar de boa veneta hoje.*

Não houve outro momento. Deixei devê-lo por ali vários dias até que percebi uma movimentação diferente no seu território de ação. Havia homens uniformizados, com um pequeno trator e ferramentas de mão. Pelo uniforme, vi que eram empregados do condomínio. Boa parte dos montículos com suas pedras, entulhos e gravetos já havia sido aplanada e ajuntada para remoção. As árvores em que ele costumava se abrigar e onde mantinha guardados alguns trapos e utensílios tinham passado por uma poda e limpeza radical do chão em sua sombra. Um dos montículos da remoção mostrava algumas das peças assim recolhidas, com roupas, latas, garrafas, além da enxadinha. Nenhum sinal da pessoa do jardineiro, a não ser por tais despojos recolhidos no terreno.

Certamente ele voltará – pensei. Mas isso não ocorreu depois de muitos dias de espreita minha. Os frentistas, indagados, disseram tê-lo visto de relance, andando de um lado para o outro, coçando a cabeça. Depois, sumiu.

O síndico do condomínio foi ágil em sua missão. Demolidos os montículos, mandou podar a grama bem rente e a replantar nos lugares de que tinha sido retirada pela plantação infrutífera. E tudo voltou ao

normal de sempre naquele terreno, agora liso e sem imprevistos. Assim como a vida das pessoas em seu entorno.

E ele, o jardineiro persistente e dedicado, por onde andaria? Teria ido procurar outros lugares com pessoas mais receptivas? Ou menos curiosas? Mudou de cidade por rejeitar aquela gente cruel e insensata, que não soube lhe reconhecer o esforço e as qualidades de paisagista? Teria finalmente se rendido à vida que a mulher bem vestida talvez lhe permitisse? Ou, quem sabe, resolveu se dedicar a outra profissão?

Jamais pude responder essas questões. Minha tese antropológica parou por aí. Além do mais, tive que fechar a livraria e entregar o ponto. Parei de frequentar o pedaço e não tive mais notícias daquele homem, mas sempre que passo por um terreno descampado dou uma conferida para ver se o vejo. Em vão.

Uma história sem nexo, esta – eu acho. Mas o certo é que a cada dia que passa vejo que o caldo da vida também não tem muito sentido. Aliás, nada mais é do que uma mixórdia de mistérios, incompreensões, frustrações, derrotas. No meio de tudo isso uma gente ignorante, jejuna de leituras e de humanidade, mas também, algumas vezes, indefesa e incompreendida.

2. PROCRASTINAÇÃO

Desde que me aposentei, e lá se vão quase três meses, deixei minha vida rolar de forma meio solta e até mesmo irresponsável. Fiquei em casa o tempo todo, olhando para o teto, deixei de procurar os amigos, só fui a rua para necessidades muito especiais, como comprar cigarros e principalmente – o que mais me preocupa aliás – relaxei com o pagamento de minhas contas. Logo eu, que sempre levei uma vida rigorosa neste quesito. A namorada me disse que eu devo estar deprimido, mas acho que não. Para mim é só uma baita preguiça. Ou melhor, isso digo a meu favor: é uma liberalidade à qual eu nunca havia me permitido em mais de trinta anos de trabalho como bancário.

E foi refletindo sobre isso que eu resolvi, de uma vez por todas, colocar minha vida em dia. Eu já havia feito uma tentativa, um mês e meio antes, mas fui obrigado a desistir por algum motivo que, para falar a verdade, não me lembro mais. Só sei que não me foi possível. Acho que peguei uma gripe, mas pode ter sido por ter optado por encarar uma maratona no Netflix. Ou não teria sido por ter me dedicado a uma semana de jejum, para ver se perdia uns 10 kg? Algo assim, não me lembro mais.

Mas agora, nesta primeira segunda feira do mês de meu aniversário resolvi realmente levar tal coisa a sério. Achei uma caderneta que eu

havia comprado há tempos, jogada em um fundo de gaveta e é nela que passo a registrar a lista de minhas dívidas, com terceiros e comigo mesmo.

Começo pelas contas não pagas. Água, luz, telefone, internet, TV a cabo. Tenho que levantar uma por uma nos sites das empresas. Até há poucos dias havia um chumaço delas sobre minha escrivaninha, mas a passagem intempestiva e inesperada de Rosamaria, minha faxineira, acabou por dispersá-las e eu já não sei mais por onde andam. Fica, portanto, registrado que preciso acessá-las e logo que completar a minha lista vou começar a executá-la fazendo exatamente isso.

Lembrei-me também que poucos dias antes de sair publicada minha aposentadoria eu havia iniciado um tratamento dentário, como a extração de um molar renitente. Acho que está na hora de voltar ao meu *personal-tiradentes* para ver se já é tempo de dar sequência ao procedimento. Fica registrado aqui.

Por falar em dentista, não me lembro de ter pago a conta de tal atendimento. Tenho a impressão de que fiquei de passar a ele uma ordem bancária e definitivamente não me lembro de ter feito isso. Tenho que puxar meu extrato bancário, portanto. Anoto mais essa demanda.

Falar em dentista me lembra de médico. É fatal... O cardiologista me pediu um novo exame de imagem, nem me lembro qual. Preciso procurar o papel. Espero que Rosamaria não o tenha consumido também. Mas uma vez encontrado, toca a marcar o tal exame. Para não esquecer, registro.

Memória puxa memória... Eu lembrava de dentes, mas o que me veio à tona foram unhas, sabe-se lá por quê. Ah, sim: quando fui calçar a meia hoje pela manhã, vi que a mesma foi dilacerada por uma verdadeira garra formada pelas unhas dos meus pés. Pronto! Algo mais a registrar: procurar um podólogo.

Como estou passo a passo voltando à vida, ou melhor, à tona da realidade, saindo de abismos marasmáticos, liguei há pouco a TV pra saber se o mundo ainda não acabou e pude, de alguma forma, constatar que o mundo talvez continue como sempre, mas a TV parou de funcionar. Ou pelo menos insiste em me mostrar uma tela totalmente preta. Mais uma obrigação para ser anotada. Vamos lá.

Começando a andar pela vida, saindo da zona de conforto de minhas paredes e teto, fui dar uma volta no quintal e quase me perdi no gramado, que de grama não tem mais nada e mais parece um pasto de elefantes. Tenho que procurar o telefone do rapaz que me corta a grama e convocá-lo para uma sessão “gramática” aqui o mais depressa possível. Registrado.

O carro, da mesma forma que a TV, está de picuinha comigo. Parece que a bateria arriou. Mas pelo menos a peça correspondente em mim agora está com a carga total. Anote-se e cumpra-se, logo que possível.

Ao passar pela cozinha ocorreu-me dar uma conferida geral. Resultado: é preciso fazer supermercado e o registro do gás mostra pressão perto de zero. O filtro do bebedouro também já passou do prazo de troca. Portanto...

Na garagem uma bela poça se formou, por pouco se transformando num criadouro de mosquitos da dengue. Há uma goteira, por certo. Acontece nas melhores residências, mas (ó céus!) porque logo agora e aqui? Mais uma providência a ser executada.

Minha tia Aurora, última remanescente da vasta irmandade de meu pai fez aniversário na semana passada e eu nem liguei para ela. Meu primo Horacinho se casou e apesar de toda insistência para que eu comparecesse, deixei passar. Pior é minha mãe, tão velhinha, para quem eu não faço uma chamada há semanas. Tomara que ainda esteja viva. Registre-se, registre-se, registre-se. E cumpra-se!

Olha na folhinha e vejo que o Dia dos Namorados se aproxima. Céus, eu tenho uma namorada! Ou melhor, será que ainda tenho? Faz dias que Jerusa não me liga e mais tempo ainda faz que eu não ligo para ela. É o caso, realmente, de perguntar se ainda rola alguma coisa entre nós. Preciso ligar e também providenciar um presente para tentar reconquistá-la, romanticamente, na data eu se aproxima. Não sei se vai funcionar.

Com tantas providências a tomar e correspondentes preocupações, achei que seria de bom alvitre molhar a palavra com um uisquinho. Ótimo! Mas minha alegria durou apenas o tempo de ir ao armário das bebidas e constatar que meu *Cutty Sark* agora encalhou em total secura. É preciso adicionar tal gênero de primeira necessidade na lista do supermercado.

Ter ido ao armário das bebidas me demonstrou que, além da escassez das ditas cujas, havia algo ainda pior: baratas. Torna-se preciso, portanto, adicionar na lista a dedetizadora.

A caixa de correio me mostrou uma plethora de avisos não lidos. Vou me deter com calma sobre eles a qualquer hora, mas o primeiro que peguei por curiosidade comunicava a chegada de uma compra que fiz pela internet há dois meses atrás, da qual não mais me lembra. Nem de tê-la feito e nem mesmo do objeto adquirido. Registre-se.

Na maçaroca do correio havia um monte de multas de trânsito. Umas dez ou mais. Essas podem esperar, pensei, já foram cometidas mesmo e o pior que pode acontecer é ter que pagá-las sem desconto. Além disso,

nem tenho dirigido. Mas em algum momento tenho que cuidar disso. Faço o registro na segunda página da caderneta, para uma ordem cronológica. A primeira já está cheia.

Acho que minha lista já está de bom tamanho. Pelo menos para começar meu processo de ajuste com a vida útil e normal. Passando pela cozinha, resolvi dar uma consultada na folhinha. Epa! Vejo que já é sexta feira. Nossa, como tempo voa! Deve ser algum problema com o eixo do Planeta.

Mas deixa estar que está tudo anotado na caderneta. Cuidarei para não perdê-la de vista. Na próxima segunda, sem falta, retomo.

Eita! Acabo de me lembrar que segunda feira próxima é exatamente o dia de meu aniversário de setenta anos! Para quem já esperou tanto tempo, uma semana a mais não fará diferença.

3. UM SANTO HOMEM

Dom Luiz Soares de Azevedo, grande homem, grande sacerdote. Chegou nomeado Bispo em minha cidade e só não foi a Arcebispo ou Cardeal por ser um exagerado, porém na modéstia que lhe era peculiar.

Sei da história dele o bastante para reconhecer e propagar suas virtudes e, principalmente, a boa bizarrice de suas atitudes com a vida e a batina.

Nasceu de família, pobre e acabou no seminário ainda adolescente, pelas graças de um parente Cônego. A vida eclesiástica era uma constante na família, alcançando tios e primos em diversos graus. Mas de uma longa série de irmãos ele foi o único a seguir tal caminho. Ordenado padre foi enviado a paróquias remotas, onde primou pelo zelo religioso e pelo exercício de uma liderança social sempre reconhecida. Deixou marcas por onde passou, seja pelos sermões inspirados ou por obras materiais visíveis, como orfanato, casa de idosos, abrigos. Nunca se empenhou em construir novas igrejas, todavia, alegando que não era isso o que de fato interessava ao Todo-Poderoso. Montado em um velho Chevrolet percorria cada biboca de sua alçada, pregando, aconselhando, confessando, casando ou batizando quantos lhe aparecessem pela frente.

O primo cônego, dizem, recomendou ao Arcebispo que se lembrasse dele em futuras promoções. E assim ele foi subindo de paróquia em paróquia até que um dia, para surpresa de ninguém, a não ser de si mesmo, fui nomeado Bispo na minha cidade, a principal de nossa região, onde pude conviver com ele por alguns anos.

Um sujeito especial. Baixinho, rosto inclinado para o chão, tímido, voz quase sussurrante (a não ser em seus sermões), sempre vestido com batinas que lhe excediam no talhe, já que as ganhava das beatas, que por sua vez as mandavam fazer não se sabe em que tipo de alfaiate. Dom Luiz era, por assim dizer, uma pessoa quase invisível, dada sua enorme discrição, mas por onde andou era um gigante, deixando sempre rastros que o fizeram querido e admirado. E em torno dele se criou um verdadeiro folclore, com as narrativas de suas intervenções, casos, frases, ações surpreendentes – e até algum humor.

De tudo que se conta, quando ainda era apenas pároco no interior, história bizarra é a do dia que salvou o farmacêutico da cidade de um suicídio. O homem tinha sido enganado pela mulher com seu melhor amigo e mesmo disposto a perdoar o casal adúltero desesperou-se com a notícia que os dois fugiram da cidade para levar uma vida longe de qualquer escândalo. Tentou se suicidar, primeiro com uma mistura tenebrosa de drogas de sua própria farmácia, mas não obteve seu intento. As más línguas logo se fizeram presentes, dizendo que o homem era tão incompetente em seu ofício que nem nisso lograva sucesso.

Passada a ressaca da carraspana farmacológica, o pobre boticário sobe ao telhado do sobrado do estabelecimento, onde já nem conseguia dar expediente e ali passa a caminhar em visível desorientação, com evidentes sinais de que ia dar prosseguimento à sua faltada tentativa anterior.

Nisso alguém vai atrás de Dom Luiz, amigo do casal, que acorre pressuroso e chega sem ao menos tentar dialogar com o homem a partir do piso onde estava. Ao contrário, ele pede uma escada, sobe ao telhado, ajeita-se ali ao lado do quase suicida, que a esta altura aceita parar de se mover nas alturas, e dá início a uma conversa ao pé do ouvido por longos minutos. Finalmente descem, com o Bispo a conduzir o homem discretamente à casa paroquial, onde passam o resto do dia em confabulações secretas.

O resumo da ópera foi o fechamento da farmácia por algumas semanas, até que o boticário retornou de onde estava, ninguém sabendo em que lugar, com a reabertura do estabelecimento, sem outras explicações. Como se não bastasse, em poucos meses passou a morar junto com a vistosa mulata que desde muito lhe fazia a faxina na farmácia. Dizem que Dom Luiz lhes abençoou a união e que só não os casou porque a adúltera sumira no mundo e não havia como, canonicamente, anular aquele casamento mal sucedido.

De outra feita o chamaram para exorcizar um roceiro que sem mais nem menos chegara em casa, no meio de seu expediente no milharal, e começara a quebrar móveis, louças, aparelho de rádio, e ainda a perseguir mulher e filhos com um porrete nas mãos. Não sem antes

fazer diversas tentativas de colocar fogo na casa. Luiz, apenas um pároco na ocasião, estava em visita pastoral pela região e foi chamado a dar uma solução ao caso, que a todos parecia uma possessão demoníaca.

Antes de se munir de um crucifixo e rosário, entretanto, ele preferiu conversar com o homem e também com sua mulher e outros familiares, a respeito de seus hábitos anteriores. O provável endemoninhado havia se recolhido aos matos vizinhos e para lá o padre Luiz dirigiu, chamando-o pelo nome e convidando-o a conversarem. Determinou que ninguém o acompanhasse de perto. Teve sucesso em sua estratégia, porque passada uma meia hora, quando os circunstantes à pensavam em intervir, ele foi visto saindo da capoeira de braço dado com o infeliz, logo o levando até sua casa e em seguida até a cidade, onde o deixou aos cuidados do doutor. E este, aliás, já conhecia bem o caso e inclusive avaliou que o problema estava acontecendo por conta de que o paciente havia abandonado, fazia algumas semanas, o tratamento com antipsicóticos que lhe fora prescrito. Caso resolvido, portanto.

Para concluir, o vigário fez correr uma rifa na cidade e praticamente remobiliou, quase por completo, a casa do infeliz casal, que já era pobre o suficiente para ainda ter que arcar com os custos de um acontecimento desastroso como aquele.

De outra vez um marido relapso com seus deveres conjugais, inclusive distribuindo afetos por toda a vizinhança, foi chamado às falas por ele e a partir daí ninguém mais o viu em botequins e bordéis. É o que dizem...

Mas no meio de tanta virtude tinha também umas fagulhas de mundanidade. Não, não era caso de rabo de saia, isso não. Nesse quesito, Luiz era rigoroso ao extremo. Era cercado de mulheres sim, mas apenas de beatas de má catadura, que o cercavam, cozinhavam para ele, lhe lavavam as roupas e cerziam suas meias e cuecas com o zelo de corujas com seus borrachos. A vida mundana de Dom Luiz tinha um só nome: *Truco!* Ah, ele se pelava por uma boa mão de carteado! E tinha até sua própria roda, onde era tratado com as honras merecidas, formada pelo gerente do Banco, pelo Promotor, pelo Tabelião, pelo vice Prefeito, por mim, que era na ocasião advogado e Procurador da Prefeitura, além de um ou outro convidado ou agregado ocasional.

Ali Dom Luiz dominava o cenário, sempre com sua voz de sussurro e sua postura cabisbaixa: *é truco pela graça de Nossa Senhor Jesus Cristo, meu filho! É seis e você chega pra lá! Olha que eu convoco o Arcanjo Gabriel para lhe expulsar daqui...* Todos achavam graça naqueles modos e mais ainda o respeitavam – e não era para menos. Com Dom Luiz não tinha jeito de se fazer diferente. No arremate, lá pelas dez da noite, porque o Bispo era precoce em seu sono, servia-se um licorzinho de jenipapo e os trabalhos eram dados por encerrados.

Um dia apareceu na roda um jogador novo. Era sobrinho ou primo do Tabelião e ao contrário dos demais membros, todos passados dos sessenta anos, este tinha no máximo trinta. Chegara ali por convite do seu parente, também dono na casa, que avisou que o rapaz era gente de bem – um requisito fundamental para alguém se assentar naquela mesa – e que além do mais se pelava por um bom joguinho de truco, sendo também um bom jogador (outro requisito).

Feitas as apresentações foram distribuídas as cartas e a mão começou. De saída notou-se que o recém-ingressado era um tanto inquieto, mexendo-se muito na cadeira e fazendo suas trucagens com certo espalhafato, o que era excepcional ali. Neste dia, Dom Luiz estava com sorte excepcional, as mãos sempre lhe saiam *cheias*. E o jovem, ao contrário, tinha o total azar de seu lado. Lá pelas tantas, depois de o Bispo ter ganhado três ou quatro rodadas sucessivas, a sorte finalmente pareceu sorrir ao recém chegado. Ele se impôs todo, como um pavão ou um peru e tonitrouou aos quatro pontos cardeais: *é truco, safados!* Botinas pressurosas rapidamente lhe pisaram os pés em sinal de advertência. Ninguém, até então, ousara proferir algo assim na frente do Bispo. Mas dessa vez o Promotor tinha a manilha, fazendo o recém chegado recolher o rabo entre as pernas.

Mas o pior ainda estava para acontecer. A onda de sorte do novato ainda crescia e logo depois ele achou que a sua vez de trucar havia chegado de fato. E o fez com o modo intempestivo de sempre. Lá de seu cantinho Dom Luiz sussurrou: *é seis, meu filho, pela graça de Nosso Senhor e da Virgem Maria...* O novo sortudo agora estava com tudo e mais alguma coisa e sabia que o Bispo não poderia levar a melhor naquela rodada. E já irritado com aquela parcimônia verbal, resolveu botar pra quebrar no recinto, no velho modo a que estava acostumado nas rodas de jogo entre pares. E aos gritos fuzilou: *pois é doze, seu bispinho filha da puta...*

Constrangimento geral, desculpas em salvas repetidas. Só Dom Luiz não se abalou com aquilo. Foi até o mancebo, agora exangue num canto da sala e colocou as mãos em sua cabeça, a abençoá-lo: *pois é meu filho, coisas da vida, né? Jesus Cristo te abençoe. Volta na semana que vem para a gente jogar mais.*

Assim era Dom Luiz.

Ele foi capaz de atravessar incólume todas as mudanças que a Igreja Católica experimentou a partir dos anos sessenta. Passou, por exemplo, a rezar a missa em língua pátria e de frente para o público, sem maiores contratemplos ou dissensos, da mesma forma que abandonou o púlpito para fazer seus famosos sermões, passando a discorrer com mais proximidade a seu rebanho, andando para lá e para cá na nave da igreja. Adotou também o costume de colocar vários dos fiéis em posição de destaque nas missas, às vezes até o substituindo nas homilias.

Passou a fazer batismos e casamentos de forma mais esporádica, pelas suas atividades burocráticas na Diocese, mas adotou novos hábitos criativos em tais celebrações, pedindo salvas de palmas para os noivos ou pagãozinhos incorporados ao rebanho de Deus. Quando achava que o “sim” de um dos noivos não tinha ênfase suficiente obrigava-o a repetir a palavra até que a mesma fosse quase gritada, debaixo de risadas gerais. E a admiração dos fiéis por ele só crescia.

No final da vida fez o que ninguém esperava. Passou a andar de roupas esportivas pela cidade, reservando a batina apenas para as celebrações e encontros importantes. Cansado de benzer instalações e placas comemorativas, bem ao gosto dos políticos, mandou avisar que não mais faria isso, não tendo abandonado, porém, o atendimento aos variados convites para aniversários, chazinhos e outras comemorações de paroquianos comuns.

Nos seus anos finais podia ser encontrado de pijama, na varanda da casa paroquial, cumprimentando indiscriminadamente quem passasse pela rua. E não foram poucos os convidados, mesmo desconhecidos, para entrar e tomar um café e comer um bolinho com ele, para horror das corujas beatas.

Morreu como viveu: discretamente. Um dia, simplesmente, a beata de plantão, estranhando sua mudança de hábito madrugador, deu com ele no leito em plenas oito horas da manhã. Morto, mas com uma serenidade especial, quase um sorriso nos lábios lívidos.

A esta altura eu já não morava na cidade e o acompanhava apenas de longe. Quando estive lá, alguns meses depois de sua passagem, resolvi visitá-lo no cemitério. Lá estava ele em sua habitual modéstia. Na cova singela, quase rasa, a pequena cruz de madeira crua se ornava com um ninho de pássaro. Seu construtor e morador me pareceu se espelhar no vizinho que habitava mais abaixo no local: pequeno, frágil, com a penugem clara, piando de forma discreta, pulando para lá e para cá, sempre atento a tudo que lhe rodeava.

4. ESPERANDO BARDOT

Mulher é comigo mesmo. Já tive muitas – e pra falar a verdade ainda estou no caminho para conhecer mais. Não sou desses caras aí que ficam escondendo o jogo, se fingindo de santinhos. E nem daqueles que não arranjam nada na vida e dão para inventar histórias. Comigo, não. Se perco, dou a volta por cima – e depressa. O que me move é a beleza, a mais verdadeira que possa haver. Corro atrás.

Julia, por exemplo, a americana. Magrinha, esguia, mas que corpo, meu Deus! Aquele olhar de gazela assustada. Eu a conheci na rua, subindo e

descendo por *Rodeo Drive*. *Pretty Woman*, era como eu a chamava, porque até aprendi um pouco de inglês para usufruir melhor da companhia dela. Julinha sempre de minissaia, palmo e meio de coxas à mostra, aliás, seu traje predileto. E que pernas, Jesus Cristo! Aquilo mais mostrava do que escondia aquelas belas gambas, que lhe pareciam surgir desde logo abaixo das axilas, tão longas eram. E quando ela punha umas meias pretas, longas, até lá em cima... Nossa! Aquilo era de fechar o comércio, não só na *Rodeo* como nas adjacências, até os altos do *Bosque Sagrado*. Ela tinha lá umas histórias meio misteriosas no passado, o modo como ela ganhava vida, antes de conhecer um sujeito rico que cuidou dela por algum tempo. Mas quem se importa? Depois cheguei no pedaço e tudo mudou, modéstia à parte. Eu a ganhei e então ela foi minha, totalmente minha, de mais ninguém. Mas a vida dá voltas. Um dia me cansei daquele charme de Los Angeles, enfarei daquilo tudo. E não foi à toa. É que eu, simplesmente, tinha conhecido Emma. E nada foi como antes.

Tinha nome de ave, mas Deus do céu, um pássaro como aquele só no paraíso. Bonita? Não, diferente! Bem inglesa, pele bem alva, um pouco sardenta. Até aquelas ruguinhas ao redor dos olhos compunham seu charme. Emma é o seu nome. Eu a conheci em Carnaby Street, Portobello Road, um desses lugares charmosos, que não eram bem seu habitat – nem o meu para falar a verdade. Depois a vi no Covent Garden, ela trabalhava num teatro por ali, não como bilheteira ou algo assim, mas como atriz principal de uma peça que já estava em cartaz fazia três anos. Inglesa até não poder mais, daquelas mulheres que um homem não esquece, principalmente se compartilhar com ela um *evening tea*, que depois da tarde entra pela noite a dentro e só termina no *breakfast*, entre lençóis. Shakespereana e jane-austeniana, especialista total. Todo o teatro inglês era dominado por ela, com rigor e maestria. Mas isso não fazia dela uma pessoa sisuda, pelo contrário, engraçada que só. Dei boas risadas com ela representando só para mim aquele *Muito Barulho por Nada* do bardo. E a partir de William S. caminhava, como quem vai à esquina, a alguma peça de Albee ou Miller. Versatilidade era com tal mulher. Ninguém melhor do que ela para representar mulheres fortes em peças datadas e adaptações literárias, de Jane Austen, por exemplo. Mais sublime ainda ao representar mulheres altivas e matronais, sem se desfazer de profundo senso de ironia. Isso é o que diz a crítica, mas discordo, sendo ela própria isso aí, não por figurar algum personagem. Dois Oscar ela ganhou, por merecimento – se é que tal troféu esquisito vale alguma coisa – mas o prêmio mais importante é o que lhe dei e darei para sempre, *wonderful woman, great Emma*: meu amor, com qual lhe homenageio e agradeço.

Então me veio Claudia. Claudia Josefina Rosa, de cardinalícia beleza. Italiana temperada pelo sol mediterrâneo da Tunísia. Eu a conheci no *mezzogiorno*, filha da nobreza, fazendo parte do séquito de um certo Leopardo. Era então uma *signorina* Angelica Sedara, na corte das Duas

Sicílias, e me tirou o sono durante muitos meses, até que finalmente a tive só para mim. Em uma toca povoada por Leopardos a felina verdadeira era ela. Capaz até de desprezar um Alain Delon, aquele, que mudaria tudo para que tudo continuasse como sempre esteve. Mas eu, por tanta graça e beleza, faria muito mais. Sempre lutei para ser – e fui – um homem realizado por tê-la comigo, não sendo tão nobre quanto os outros, mas sobretudo fiel e amante. Desta Claudia, minha mulher mediterrânea, posso dizer sem medo: que morena, que pernas, que quadril, que rosto, que cintura – meu Deus! O mais não louvo por respeito e pudor. Tanta coisa linda e apaixonante em uma mulher só, a revirar as profundezas de um homem, capaz de despertar nele o furor de um Vesúvio! Esses olhos negros, enormes, tirariam qualquer um do sério; quando se voltavam para mim, me enlouqueciam. Ninguém poderia resistir ou ser curado daquilo. Eu sei, eu vi, eu senti. E pude segui-la por todos os cantos do mundo, nas ruelas napolitanas e nos subúrbios pobres de Roma, dos dois lados do Tevere; por Itália, França, Europa, América e onde mais estivesse. Homens ricos, elegantes e bem-postos que estivessem com ela, deles há muito perdi a conta, pouco me importavam. Eu sempre soube que ao fim e ao cabo era a mim que ela se chegava. O fato é que nunca houve, em nenhuma parte do mundo, a qualquer tempo, do Egito bíblico à Roma do pós-guerra, uma mulher como aquela. Falar de cada pedaço da rica escultura de seu corpo implicaria em páginas e páginas de algum tratado nunca escrito sobre a beleza feminina. E seria totalmente em vão. Pena que a tive por pouco tempo; eu não poderia competir com a força *do cash* americano. Mas pude viver a maior ventura e os dias mais gloriosos a que um homem pode sonhar com Claudia, extraordinária mulher. Um ícone! E ela esteve comigo, me dedicou o melhor de seu sorriso e de sua sensualidade. Abri mão dela, um dia, por absoluto espírito democrático. Não me julgava merecedor de ter uma deusa de tal estirpe sem dividi-la com alguém. Por sorte, a este tempo, me apareceu Sonia...

E ela saiu do nada. Ou melhor, eu a vi um dia, morena fagueira com olor a cravo e a canela, a subir em telhados. Baiana, paulista, brasileira e sobretudo universal, como o são as mulheres realmente lindas. É bem verdade que a vi ao lado de uns bigodudos machões. Mas até nisso eu os suplantava. Daquele italiano, Marcelo-não-sei-das-quantas, eu confesso que tive ciúmes, mas eu logo vi que aquilo não tinha futuro como relação amorosa, era apenas trabalho. E me pus a acompanhá-la, onde quer que fosse, com ela nasceu o verbo *Tietar* e eu fui dos primeiros a conjugá-lo. Pereio pensa que a seduziu, mas não contava com a astúcia amorosa de quem chegou antes dele. *Eu te amo?* Quem disse (e ouviu) isso em primeira mão fui eu. Sonia dos mil ofícios: teatro, televisão e cinema, como se diz, feitos com uma mão nas costas. Aliás, devo admitir, mulheres assim, e muitos instrumentos, inclusive na cama e na mesa, sempre me fascinaram. Sincera como ela só, certo dia me disse que não mais se despiria na minha frente por sentir que os seios lhe estavam muito caídos. Mas felizmente arrematou: você espera eu me deitar e então pode acender a luz – mas só o abajur. Modéstia

dela. Mulher esplendorosa, capaz de ser ao mesmo tempo uma dama, uma freira, uma prostituta; solteira, casada ou viúva. Moreninha brejeira, puta aposentada, médica de família, mãe de família proverbial. Dona Flor de muito maridos, mas nem todos de verdade. Isso quando não subia em telhados, como quando a conheci, na figura de morena tão brasileira, com a pele e cheiro ao cravo e à canela. Os malditos americanos mais uma vez a roubaram de mim, com seus seriados comerciais, que encheram esta mulher de dólares, mas não retiraram a admiração de um cara de bom gosto como eu. Vez em quando nos vemos, mas agora, confesso, apesar de estar envelhecendo, me vejo interessado em mulheres mais novas. No Edifício Aquarius algumas vezes já estive com ela, mas ao tal lugar de Bacurau evito ir. Não gostei daquilo lá, me deu gastura.

E aí me apareceu esta Penélope. Entre tantas belezas que vi nela e antes dela, fui fatalmente atraído por aqueles olhos de cabra tonta. Ou de ressaca, sei lá. Disputei-a ferozmente com um tal de Javier, mas foi tarefa difícil, perdi. Fui forte, mas não tive vez. Tivesse eu em mãos um daqueles cilindros de ar comprimido a disparar projéteis certeiros e fatais no crâneo de alguém, eu mostraria a ele. Mas arrastei a minha Cruz no encalço de Penélope por Madrid, Barcelona, Paris e Nova Iorque. E mais longe iria por aqueles olhos inverossímeis.

Fazendo um balanço em minha vida amorosa, atualmente cheguei à conclusão que mulher inesquecível para mim foi Brigitte, aquela criada diretamente por Deus para ressignificar o senso estético dos homens. Ela povoou minha adolescência, tantos anos atrás. Fruto proibido que eu apenas pressenti, sem poder tocar, mas que não me sai da memória e pela qual sinto um frio na barriga (e um calor mais embaixo) até hoje. Ah, Brigitte, minha Bebê de sempre. Eu te perdoo pelo que seus detratores chamam de *devoradora de homens*. Você pode até ter tido uma inclinação como esta, mas isso foi antes, bem antes, de conhecer a pessoa certa. Mesmo este último que te acompanha, amigo da família Le Pen, surgido depois que você se desencontrou de mim, deve ter alguma qualidade que a leve a estar com ele. *Mais de cem amantes, entre eles mulheres*: a lista das infâmias a seu respeito nunca parou de crescer. Mas eu bem sei que não passam de invencionices de invejoso. Aqueles playboys que lhe quiseram botar as patas, como alguns zagueiros e sachses não sabiam de nada, e por isso te perderam, como tantos outros. Bem melhores do que eles são estes cães que você protege agora. Sua pele, seus olhos, seus lábios, seus seios, suas coxas, seu ventre – devo dizer com o pudor que me é peculiar – deixam nas catacumbas da beleza todas aquelas mulheres que estiveram comigo. Nenhuma se equipara a você. Eu não te desprezei, você é que fugiu de mim, Brigitte. Por mais que te busque nos arcanos dos anos 60 não mais te encontro. Aquela mulher enrugada e de olheiras fundas, que cuida de cachorros e ataca ferozmente os muçulmanos, não pode ser você. Deve ser mais uma invenção desta imprensa suja. Para mim Brigitte, você reina. Aliás, nunca deixou de ser minha rainha triunfante. Minha procura não ficará

em vão. Em algum lugar desta vida – ou de alguma outra – estarei sempre a esperar você. Se de novo lhe encontrar, juro, não lhe perco mais.

Devotamente seu.

5. O REDENTOR

Não foi nada não, lhe asseguro. Os pipocos que o senhor ouviu não foram de briga de homem. É coisa minha mesmo, gosto de praticar a pontaria, quase todo dia faço isso. Agora, com o preço da munição pela hora da morte – desculpe a brincadeira – está ficando mais difícil, mas mesmo assim não deixo de dar meus tirinhos, sempre num barranco aqui do quintal, para não acertar ninguém – Deus me livre.

Já fiz disso profissão e acho que até criei fama. Mas agora o que me interessa são essas galinhas, essa horta de couves, algum leitão que engordo para o Natal. Armas quase não tenho mais, só uma zinha a Flobé, quase um cisco de carabina, brinquedo de menino perto do que já tive nas mãos, em tempos passados. Mas isso já acabou para mim, total: o senhor fique sabendo.

Minha vida agora é outra. Vi que o senhor arregalou o olho quando eu falei que já vivi disso. Caçador? Espere que eu conto. Reparei no susto seu quando falei de coisas minhas, antigas. Não me ofendi. Longe de mim fazer qualquer julgamento de pessoa tão educada, cidadão de verdade, como é o senhor. Não carece dizer que espero isso das outras pessoas também, e do amigo mesmo, por que não? Mas relevo seu jeito de me olhar, os costumes daqui sempre foram meio brutos mesmo. Gente que vem de fora, ainda mais se for mais fina, como o amigo, não está acostumada, e com razão até estranha. Agora está melhorando, mas tem umas coisas agarradas em demasia na cabeça das pessoas. Ou será na alma delas?

Viver de arma na mão, de tocaia, preferir um fundão de mundo para morar... Não, não era bem de caçadas que eu vivia. Ou um pouco disso, sim, dependendo do bicho em que se pense. E se eu disser para o senhor da natureza desse que eu caçava, sem penas, sem rabo, apoiando-se no chão em dois pés? Bichos falantes, parece que até pensantes, mas sempre a engenhar malfeitos por aí? Bichos-homens, claro, não faço segredo; não se assuste comigo. Mas nunca, nunquinha, bichos de saia, ou em idade de brincar. Mas aqui no fundão, o senhor sabe, se brinca muito pouco tempo na vida...

Profissão de família: avô, tios, primos. De pai, não sei, nem conheci o meu. Minha mãe me disse uma vez que ele foi morto por um primo dela, a mando de meu avô. Mas não sei muita coisa sobre isso; e para falar a

verdade, prefiro nem saber. O que sei é que serviço desse tipo era demais por aqui, em antes. Esse mundão de terra era tudo de uma família só e assim o povo foi devagarzinho dando um jeito. Uns morriam de tiro, outros de facada, uns tantos de veneno, outros sumiam no mundo, de medo ou mesmo para escapar de coisa pior. Depois se arrumava o resto, papéis em cartório, certidões, registros, alvarás, essas coisas da lei. Da noite para o dia o arame farpado corria solto. Minha família era do ramo, mas não sujava as mãos nisso de papelório e fazimento de cercas na calada da noite; pegava a empreita de fazer limpeza e só. Aqui teve gente que botou fogo num cartório inteiro! Questão de honra para nós não se meter em tal tipo de empreita, dizia meu avô, que Deus o tenha. O resto era com a rabulice dos advogados e outros iguais a eles, na cidade: um povo que nunca soube o que era honra ou compromisso; umas pestes. Assim meu avô falava deles.

E era coisa organizada. Meu avô, por exemplo, é o que diz o povo ainda hoje, só pegava serviço certo, de gente que tinha dinheiro e até conta em banco. Nunca ia atrás de trabalho; os interessados é que vinham até ele. E era gente de longe, muitas vezes. Um fazendeiro, dizem, viajou mais de uma semana só para combinar serviço. Dar conta de bagrinhos era coisa que ele passava para algum filho ou à sobrinhada. Ele, não. Só pegava serviço grosso. Mas mão de obra para o ofício não faltava. E houve caso até de gente que se deu mal por tentar pegar o serviço que era para outro fazer. Como uma empresa verdadeira, dessas da capital, assim donas de meio mundo.

E olha que este meu avô morreu tarde, na cama, cercado de família, mulher oficial, padre e tudo mais. Nas quermesses da igreja sempre oferecia um novilho ou uma leitoa no ponto para o leilão. E até confessava no padre... Era assim: só iam parar na cadeia os mais sem sorte ou que queriam mudar o jeito certo de se fazer as coisas.

Mas o senhor quer saber como começou isso para mim e vou contar. Só sei que um tio meu, certa vez, tinha pegado um servicinho desses, mais um na rotina dele, e adoeceu, não pôde cumprir. Aí, passou pra mim, que na verdade já andava me preparando para quando chegasse minha vez. E com facilidade e nenhum medo ou remorso despachei um sujeito ruim como quê, que devia dinheiro pra todo mundo e ainda tinha mania de se engráçar com a mulher dos outros. O mundo ficou livre desse aí, graças a mim – e este já foi tarde. Entre o contrato que me fizeram e a questão bem resolvida passou menos de uma semana e quando deram com o infeliz, os urubus já tinham feito isso antes, no fundo de uma gruta. Assim foi que criei fama e aos poucos fui vencendo na profissão.

Mire e veja: só de garanhão abusado já livrei o mundo de uns cinco ou seis; de genros metidos a besta e caçadores de herança, além de outros sujeitos perdulários, outros tantos; assassinos, já perdi a conta; confrontantes renitentes, nem sei quantos, isso é o que mais dá serviço por aqui. Tinha também aqueles que queriam inverter as regras da

natureza, me envergonha dizer, aqueles homens que se deitam com outros, como se fossem mulheres. Esses, não perdoava. Mas recusava certas coisas também: mulher que bota chifre em marido, por exemplo, deixava por conta dele mesmo, para criar tento. Mas se a encomenda era para dar um conserto no garanhão, era comigo mesmo. E emendava o tal sujeito para sempre, aliás. Encomenda para moleques não pegava, a não ser de uns danados aí que com quinze ou dezesseis anos já cometem coisas como se tivessem dezoito ou vinte. Um, por exemplo, nessa idade, quis se engráçar com uma mulher honesta, vinte anos mais velha do que ele, esposa de um sitiante lá adiante. Ficou nessa proeza, não foi adiante. Minha lei era a seguinte: se podem votar, também podem pagar pelas estrepolias que fazem. Ora se podem!

Teve uns casos estranhos, diferentes, também; é da profissão. Por exemplo, um que me chamou porque queria desistir de viver e não tinha coragem para fazer isso. Eu fiz para ele. Qual o problema? Acho que é tipo da questão que cabe às pessoas decidir – e só elas mesmas. Eu apenas fiz o que aquele sujeito me pedia, ou melhor, me pagava para fazer no lugar dele.

Outro caso foi o daquele homem que pegou doença ruim, parece que o tal do fogo-selvagem. O corpo dele virou uma chaga só. De manhã, quando lhe abanavam o lençol, caía pra mais de meio-quilo de pele solta, em pedaços, no chão. E aquilo fedia a mijo de rato. A mulher o abandonou e os filhos foram levados pelos parentes, por caridade. E o coitado mandou me chamar. Achei que era para dar conta de algum desafeto, porque ele tinha motivos para isso, mas não: era ele mesmo que queria dar um jeito naquilo, acabando com aquela vida que para ele faltava sentido. Mas dessa vez recuei. Eu sabia de coisas que ele fazia quando estava sadio, tomado terra dos outros, emprestando dinheiro e até mesmo mandando matar quem não lhe pagasse. Achei que era de bom tamanho ele penitenciar um pouco de seus pecados, sendo queimado vivo por aquela doença maldita. Aquilo era até bem pouco para um sujeito ruim como ele.

Mas não se assuste comigo. Só lhe quero bem e fico muito aprazido com sua visita, coisa rara por aqui. Já vi que o senhor veio em tarefa de paz, para me conhecer, parece que escreve sobre a vida de pessoas assim como eu, meio diferentes das demais. É isso mesmo? Eu bem-queria ter ganhado minha vida com um trabalho de outro tipo, quem sabe como o seu, mas sou de pouca letra, mal e mal faço uma lista de armazém. Carta, nunca escrevi – e nem recebi também. Leio alguma coisa, principalmente esses almanaques de farmácia, que trazem luz para um mundo de ignorância como este aqui em que vivo.

Quem bem me ilustra e esclarece é meu compadre e amigo Clemente, que lê muito e deve ter para mais de vinte livros em casa. Ele sempre me diz que eu devia me esforçar para aprender cada dia mais coisas, que a gente abre a cabeça assim. Mas aquelas letras todas juntas, uma

página depois de outra e mais outra, isso costuma me dar uma dor de cabeça dos diabos e até me embaralha a vista, a ponto de me tontear. Quando vou em visita ao meu compadre ele sempre lê umas coisas nos jornais para mim. Só outro dia descobri que na verdade é coisa já acontecida, pois se os jornais saem todo dia nas cidades, aqui eles são chegam lá uma vez ou outra – o senhor sabe: lugar mais sem eira nem beira, este. Ele gosta de ler umas coisas mais espirituais, também. Eu escuto com atenção, embora nem tudo seja de meu entendimento completo.

Meu compadre conhece minha história. Ele sabe que agora me retirei de tudo, cuido só aqui deste sitiozinho. Mas ele sempre vem com uma conversa que não existe pecado que não possa ser perdoado, coisa que acho que ele tira das leituras dele, de um tal de Cardeque. Ele insiste que preciso pedir perdão, ou, pelo menos, reconhecer o que fiz de errado. Mas não consigo pensar, de fato, que eu tenha sido na vida um assassino criminoso. Nunca tirei a vida de gente de bem, esses que trabalham de sol a sol, são bons pais de família, respeitam a mulher dos outros e tudo mais. Não! Isso nunca fiz e nem faço! Pelo contrário, acho que livrei o mundo de um tanto de safados, desonestos, falsos, invertidos. Acho que deviam era me agradecer, como alguém que tira o mal do mundo, mudando ele para melhor, deixando mais limpo e mais fácil de se respirar. Do que devo pedir perdão, então? Para mim, de nada, nadinha...

Aí a minha conversa com Clemente empaca. Arecio e respeito demais este meu compadre, mas acho que seu pensamento tem pouca escora. Além do mais, já fiz minha parte, mudando de vida como eu mudei. E já faz tempo. O que me importa agora são esses leitõezinhos, esses pés de couve, essa rocinha de feijão andu – apenas disso me ocupo. Nada de contratos, nada de carabinas, de tocaias, de arrastar fardos para as grotas. Com a flobezinha apenas treino minha pontaria, pois, afinal de contas, não alcanço se ainda posso precisar dela. Não como antigamente, para ganhar a vida, mas agora só para me defender. E também caçar uma paca, de vez em quando. Sei que tem gente que me quer ver debaixo da terra, este povinho daqui é por demais vingativo, tem a alma meio suja.

Para mim, meu senhor e amigo: a gente está no mundo como numa travessia. Não pode ficar parado vendo as coisas ruins acontecerem sem que se faça nada. E que me desculpe aquele meu compadre lá: pecado, para mim, é coisa bem diferente, não pode ser o que alguém faz com boa intenção.

E sei que existe de verdade no mundo é a gente humana mesmo. Uns bons, outros ruins de amargar. Cada um fazendo sua parte na travessia. O resto é nada; ou o destino da gente.

6. DO BALCÃO DE MINHA VENDA

Olá, meu nome é Bertoldo e sou comerciante na Vila Feliz, bem no fundo do interior mais fundo das Minas Gerais, longe de tudo. Na verdade, eu queria ser é escritor e não dono de armazém. Bem que venho tentando me aproximar da *escrivaninhatura* – se é que posso chamar assim – mandando causos, charadas e até uns versinhos para os jornais de cidades maiores aqui perto. O problema é que a maioria deles nem responde e alguns até mesmo já deixaram de circular.

Gosto de frequentar livrarias também, mas a única que havia aqui na minha região, na cidade maiorzinha, já há muito se transformou em loja de um e noventa e nove.

Estou feliz agora, porque abriram na cidade uma faculdade de letras, ou coisa parecida, e fiquei sabendo que vão fazer lá um concurso de contos e poesias escritos por pessoas daqui da região. É claro que vou concorrer, mas tenho medo de não ter competência para tanto. Até reconheço que sei contar umas histórias, uns causos; pelo menos é o que as pessoas daqui dizem que faço direitinho, mas contar é outra coisa, inventar é outra. Escrever é ainda mais complicado. Não sei se darei conta do recado.

Tem também o problema que este trabalho de vendeiro me cansa muito, quase não me sobra tempo para nada. E mais uma família grande para cuidar, que depende de mim: mãe idosa, irmão paralítico, três filhos. Mulher, não tenho. Ou melhor, tive, mas ela se engracou com o motorista da van escolar – ou foi o contrário, sei lá – e se mandou para a cidade. Ficou tudo por minha conta. Acordo cedo, levo as crianças à escola e corro para abrir esta espelunca, que bem ou mal me ajuda a passar o tempo e ganhar a vida. Herdei o ponto de meu pai, tentei ganhar a vida fora daqui e acabei voltando. Na crise em que estamos, vou ficando por aqui mesmo até ver como ficam as coisas.

Mas o que eu queria mesmo era escrever.

Acho que quem me botou isso na cabeça foi dona Clara, minha professora no primário, que dizia que minha cabeça era boa para isso, pois sempre eu ganhava nota máxima nas redações. Aí, tomei gosto pela coisa, primeiro no Grêmio da Escola – que depois fechou – e também na associação de moradores, onde eu sempre me candidatava a fazer as atas das assembleias. Mas isso é bem pouco para um projeto de escritor, eu sei.

Acho que um bom escritor tem que ser, em primeiro lugar, um bom observador das coisas que acontecem a seu redor. Ouvi dizer, acho que foi dona Clara que me disse isso, que um escritor famoso, certa vez falou que a melhor maneira de escrever sobre o mundo é tomar como ponto de partida sua própria corutela. Ou alguma coisa assim. Gostei

de saber disso, porque por aqui não faço outra coisa a não ser observar as coisas que acontecem – quando acontecem – em volta de mim. Mas até nisso este lugar vagabundo me decepciona, vou ser sincero: não existe no mundo canto mais parado do que este aqui, onde até um cachorro morto na rua vira novidade...

Às vezes até parece que vai acontecer algo diferente, como foi o caso daquele Mané Simplício, sujeito meio esquisito, que deu pra conversar com as vacas e cavalos e depois se disse enviado do Espírito Santo, tentando na sequência expulsar o pastor da igreja dos crentes, botando nele um monte de nomes ruins. Mané acabou expulso daqui da Vila, ou melhor, recolhido pela ambulância da Prefeitura. Parece que foi parar no hospício – nem isso deu pra saber direito. E assim, um assunto como este, que parecia dar pano pra manga, simplesmente secou.

Teve também o caso da professorinha nova da escola, figurinha das mais sirigaitas, parece que andava confiada demais da conta nas conversinhas de uns sujeitinhos daqui. Resultado, logo foi afastada, parece que já barriguda, mas com certeza mal falada. Teve pai que até queria tirar os filhos da escola. O povo daqui não perdoa... Eita lugarzinho safado!

Acho que o personagem mais interessante daqui, capaz de despertar a criatividade de um candidato a escritor, como eu, é o tio Pedro. Na verdade, ele não é meu tio e nem de ninguém aqui, mas todo mundo trata ele assim, talvez pela sua idade, que deve ser de uns 90 anos. Ele trata todo mundo como *comadre* e *comadre*. Vai se saber por quê.

Tio Pedro vem sempre aqui na venda e gosta de um dedo de prosa. Às vezes um dedo e mais a mão inteira. Se brincar, até os pés também. Se molhar a boca com uma cachacinha então, não há quem o faça parar. Ele vive sozinho num sítio a meia légua daqui. Ele já me contou passagens de sua vida, mas acho que se eu lhe espremer a ideia, ele conta mais, pois tem umas coisas meio misteriosas nas histórias dele. Veio a trabalhar com seu Couto, um grande fazendeiro das redondezas, já falecido. Depois foi ficando. Quando o homem morreu, a família começou a brigar feito louca pela herança, teve até morte entre os sobrinhos – ele não tinha filhos. Tio Pedro que morava num ranchinho dentro da fazenda foi ficando por lá, fingindo de morto, e lá está até hoje. Os herdeiros já se acalmaram, aliás, nem são donos mais do lugar e o velho agregado não foi mais incomodado. Sabe-se lá até quando. Mas ele não parece se preocupar com isso. Neste ponto, eu queria se como ele – levar uma vida desligada e sem grandes preocupações. Mas não é para todo mundo, claro.

- *Tio Pedro, como é que um homem vive assim, sozinho, sem mulher, sem família?*

- *A gente se ajeita, comadre.*

- *Mas sem ter direito a um cafunezinho...*
- *Eita, meu tempo já passou! Eu agora só tenho as lembranças, mas essas são só minhas, ninguém me tira.*
- *Conta um pouco de sua história, meu velho.*
- *E pobre tem lá história pra contar, meu filho? Levantar todo dia ainda com o escuro, garrar no guatambu, passar o dia no eito, de noite desacordar numa cama de varas. Isso é lá coisa que alguém quer ouvir?*
- *Uai, ti'Pedro, eu, por exemplo, quero. E gosto de saber. Toma aqui uma pura, pra soltar a língua. É por conta da casa. Cê já foi casado, meu tio?*
- *Bem, meio que já fui, meio que não fui, meu compadre. Mas mulher, sabe como é. Elas parecem mariposas em volta de um lampião. Um dia, o querosene acaba e elas batem asas. Tem umas que tentam pousar no pavio e ficam por ali mesmo, chamuscadas – mas as mais espertas, quase todas, sempre escapam. De maneiras que me cansei, meu filho.*
- *Mas tem umas que se apaixonam – e vão ficando...*
- *Lá isso tem, deveras, mas ainda não aconteceu comigo. E acredito que nem vai acontecer mais. Meu parafuso já perdeu a rosca, minha cerveja ficou sem gás, meu café esfriou. Faz tempo. Ai, meus tempos...*
- *Fala mais desses tempos, tio Pedro, fala mais.*
- *Não vale a pena compadre, melhor deixar pra lá...*

No meio dessa conversa me entra na venda o Tibúrcio. Deixa que eu apresento o sujeito. Ele se intitula “consultor de vendas”, mas o que ele é mesmo é um mascate, daqueles antigos. Anda pelas estradas do sertão em sua lata-velha, levando mercadorias para vender, pegando encomendas para sua próxima passagem, daí a quinze dias. E mexe com tudo: tecidos, perfumes, agulhas, linhas, sabonetes, alguma roupa, peças de carro e trator, macarrão, biscoitos. Tudo de qualidade mequetrefe, mas é o que o povinho desses lugares pode comprar.

Tibúrcio não é má pessoa. Seu único problema é que ele é muito insistente, principalmente quando quer vender alguma coisa. Ou seja, sempre... É meio ingênuo, também, apesar de seu convencimento. Além disso, como ele tem maior contato com a cidade grande, pois mora em uma dessas, ele se considera mais sabido do que todo mundo. Só vendo a cara que ele faz quando se sente divulgador de uma novidade que ele

imagina que ninguém conhece ainda. Aí, seus olhinhos de tiú rebrilham.

- *E aí moçada, já sabem da grande novidade?*
- *Será que é mesmo novidade – e grande, seu Tibu?*
- *Com certeza! Esta é de primeira!*
- *Então desembucha, porque se vier com coisa dormida para contar aqui, deixo você na mão; não lhe compro nadinha desta vez.*
- *Melhor você se sentar, então, pois desta vez vai cair pra trás.*
- *Será?*
- *Calma, você vai ver... Não é que lá na cidade houve o casamento de duas mulheres?*
- *Tibúrcio, pelamordedeus! Isso é o que você considera novidade? Já tem até lei!*
- *Lei? Mas então vai ser obrigatório?*
- *Tibu, caramba, vá se informar melhor... Aliás, quer saber de uma grande novidade, mesmo?*
- *Só quero, Bertoldo!*
- *Recebi uma carta da distribuidora lá da cidade, aquela enorme que tem filiais em toda parte. Aceitam agora pedidos de mercadorias por simples telefonema e mandam entregar em três a cinco dias. Acredita?*
- *Bertoldinho, você não vai me deixar na mão, vai?*

O infeliz já estava ali com aquela conversa fiada há meia hora e nem havia percebido que tio Pedro o observava de um canto, e ainda por cima sem ter lhe dirigido um *boa tarde* regulamentar.

- *Compadre, de papel passado?*
- *Boa tarde, Ti'Pedro. Acho que sim.*
- *Pois pra mim não é novidade nenhuma. Lá onde eu nasci isso é comum. Eu mesmo conheci uma meia dúzia em situação assim. Acho que o governo devia deixar casar quem quisesse correr o risco, até mais de duas pessoas de uma vez. Por mim podia até ter casal de três. Ou de quatro. Gente com bicho também.*

- *Avançadinho este Tio Pedro, hein?*
- *Ele tá mangando de você, seu bocó. Não percebe?*

E o bocó foi espichando aquela conversa descosturada, com Tio Pedro a cada vez o provocando e enredando, sem que ele desse por isso. A esta altura, mas um personagem entre na venda e se incorpora à cena. O Nozito de Sebastiana, um rapazola meio metido a besta, filho da zeladora da igreja. Dito “da Sebastiana” por lhe faltar um pai conhecido. Um mandrião, como se diz por aqui. Daqueles que se por acaso pensar em trabalho logo procura uma rede para deitar, para ver se afasta tal ideia.

- *Tarde pessoal, como vão?*
- *Meu filho, não era hora de você estar caçando alguma coisa pra fazer?*
- *Fazer o quê, Bertô, aqui nesta praga de lugar não há nada pra alguém se ocupar...*
- *Ainda ontem o Tonho Carapina estava procurando alguém para limpar um terreno.*
- *Praquele ali eu não trabalho. Ruim pra pagar que só...*
- *Depois me conta pra quem tu topa trabalhar aqui na Vila que eu vou espalhar a notícia, pra ver se tu arruma serviço.*
- *Além do mais estou conseguindo um baita serviço lá na cidade. E é pra ganhar muito dinheiro.*
- *Bem que queria saber o tipo de serviço que te ofereceram lá, com toda essa disposição que você tem...*
- *É no ramo do dinheiro, das finanças. Coisa de responsa. Mas nem devia estar falando isso com vocês. Podem ficar com inveja e botar algum mau olhado...*
- *Vamos botar um bom olhado em você, pra ver se começa a trabalhar de verdade, pode ficar tranquilo.*
- *Ah, tá bom, vou contar. É pra fazer inveja em vocês mesmo. A coisa chama pirâmide. As pessoas compram uma espécie de ingresso para entrar no projeto, trazem outros sócios para investir com elas e depois de três meses recebem o dinheiro multiplicado dez vezes!*

Aí entra Ti’Pedro:

- *E vai me dizer que você acredita nisso, comadre?*

- *Acredito sim, Tio Pedro. Um primo do meu cunhado já está quase rico com este negócio.*

- *É mesmo?*

- *Já está comparando até um carro!*

- *É... Na cidade tem coisa boa mesmo, para quem tem as crenças frouxas... Ouvi dizer que comprar gente pelo preço que ela vale e vender pelo preço que ela acredita ter é negócio dos melhores, também.*

- ?

- *E terreno na lua também dá um lucro danado. Um primo do sobrinho do meu concunhado disse que ficou quase rico assim. Pena que a polícia prendeu ele antes...*

Gente desculpe, aqui é o Bertoldo, de novo. Acabo de receber o edital do concurso de contos. Preciso me concentrar nas ideias. Acho que minha vez vai chegar. Vocês ainda ouvirão falar de mim. Desculpem ter feito vocês perderem tempo, com essas histórias bestas do povinho daqui desta Vila que de *Feliz*, pensando bem, não tem nada.

Com licença, até logo.

7. JERUSA

- *Você já a viu? Será que ela continua linda e gostosa como sempre? Quando penso no que eu perdi...*

O assunto era recorrente em nossas conversas. Esporádicas, na verdade, mas quando aconteciam, era tiro e queda: Antônio fazia questão de perguntar pela antiga namorada, que não via há dez anos. E perguntas sempre vinham a galope.

Ele estudou no Rio e a conheceu nos tempos de faculdade. Segundo ele, uma morena estonteante. Um pouco baixinha na estatura, não mais do que um metro e sessenta, mas o resto tinha de sobra...

- *Que bunda, meu Deus!*

Como eu agora vivia no Rio e frequentava, supostamente, os mesmos ambientes que a moça, Antônio queria ardenteamente saber se eu a via. Mas eu apenas vagamente poderia saber quem ela era. Também como

esquecer de um nome como aquele: Jerusa. Mas pessoalmente nunca a tinha visto.

Já nome que me intrigava... Seria com “G” ou com “J”? Nome verdadeiro ou apenas apelido? Será que era originado de Jerusalém? Eu tinha ouvido falar do gentílico erudito: *hierosolimitano*. Mas por este caminho não dava para atinar qual a fonte que teria jorrado um nome assim. E me intrigava mais ainda a insistência quase doentia do meu amigo:

- Veja se a encontra e me traz notícias dela, da próxima vez que vier aqui...

Mas eu tinha outras coisas para fazer, e não eram poucas. Médico residente em hospital público, dois ou três plantões duas por semana, empreguinho extra na Zona Norte. Não era brincadeira minha vida no Rio. Mas em todo caso, o nome me ficou, como se dizia antigamente, na algibeira.

Mas uma vez, contudo, em uma reunião para discutir o que fazer para um paciente especialmente complicado, alguém se lembrou:

- Quem tem experiência com casos, assim é a Dra. Jerusa, pena que ela está longe agora.

- Longe, onde? Resolvi perguntar...

- Na Inglaterra, fazendo um estágio de hematologia avançada. Como se ela já não soubesse tudo nesta área...

Voltei à minha cidade para uma breve temporada daí a poucos dias e, como sempre fazia nas férias, logo me anunciei aos amigos. Aquele que buscava Jerusa, perdida musa, foi o primeiro a me ligar, ansioso como nunca:

- E então, alguma notícia?

- Desta vez, sim! E ele imediatamente se animou:

- Então vamos nos encontrar para você me contar, pessoalmente...

Caramba, pensei, que notícia mais besta é esta que trago, apenas dizer que a moça está fora do Brasil. Mas Antônio era um amigo que eu prezava, com quem sempre gostei de bebericar um vinhozinho, de que ele era também grande apreciador, além de dono de uma adega invejável, e além do mais, poder usufruir de uma conversa agradável e variada. Aquela insistência em saber de uma ex-namorada era antiga, mas só tinha adquirido este teor de verdadeira aflição nos últimos tempos. Marquei com ele no dia seguinte e ele se prontificou em me buscar na casa de meus pais.

- Antônio, porra, conte esta história direito! Que fixação, meu caro... Você casado com Soninha, pessoa tão bacana, com dois filhos, vida arrumada. Por que esta mania de querer fuçar o passado desse jeito?

Ele me olhou de um jeito estranho, olhos perdidos no espaço, quase marejados, bem longe dos gestos que me eram familiares nele.

- Eita, cara, é uma longa história...

Conheceu Jerusa nos primeiros dias de aula na faculdade, na doação compulsória de sangue que os calouros faziam. Ela, acompanhada de outro aluno mais velho, que logo se confirmou namorado. Calhou de que fizessem parte do mesmo grupo nas aulas de anatomia. Ele começou a jogar charme pra cima dela, convidando para um café no meio da tarde, comentando o último filme que vira, estudando na mesma mesa na biblioteca, deixando os cotovelos se roçarem, buscando um café na cantina, essas coisas pequenas, mas que acabam aproximando as pessoas. Ela, recatada, educadamente o afastava de contatos mais íntimos, pois afinal tinha um namorado. Com a insistência do colega, acabou confessando que achava aquele relacionamento meio estranho, não tinha lá muita afinidade com o outro, mas que detestaria fazer qualquer coisa que parecesse traição a ele, que apesar de tudo era um sujeito legal. Antônio apenas lhe assegurou que esperaria, mas que – não podia negar – estava realmente muito interessado nela.

Algum olhar ou gesto de Jerusa deu a Antônio a sensação que ela acabaria anos braços dele. E assim foi, depois de alguns meses.

O tempo de espera se revelou compensador, com eles se percebendo como bons amigos cada vez mais, e assim teciam ampla teia de sentimentos comuns. Mas Antônio, especialmente, queria mais, passando a desejá-la não só como amiga, mas também como mulher. Eis que debaixo das roupinhas modestas que ela vestia, ele detectou um corpo que falava por si só, como belas curvas, coxas grossas, bicos de seios que insistiam em fazer volume debaixo do jaleco. A pouca altura só adicionava valor aquilo tudo, me disse ele.

Ela mesmo tomou a iniciativa de inquiri-lo, certo dia:

- Não vai mais me fazer aquela proposta? Desistiu?

Nem bem isso posto, aceitou o convite dele para um cinema, mas nem viram o filme, já perdidos em beijos, olhares e toques ardorosos de coxas e braços. Havia também, naquele mesmo dia, a festa de aniversário de um amigo comum e lá foram, oficializando, no ato, o namoro perante os colegas de turma.

Alguém que lá estava augurou:

- Eu bem que desconfiava – isso vai dar casamento!

Era a primeira namorada dele. Ela, além daquele que acabava de perder o posto, já tinha namorado um ou dois, mas nada muito sério. Com poucos dias de convivência, confessou a ele que ainda era virgem, mas que preferia se manter assim até se casar, pois esta era a regra que sua família estabelecia para a questão do sexo, com o que ela concordava sem restrições.

Antônio vinha de ambiente menos conservador e se ainda não tinha namorado de verdade, já era bem iniciado em termos sexuais, sem maiores tabus a respeito. Assim, ele que pensava diferente de Jerusa, em nome do entusiasmo que sentia com a conquista recente da moça, achou que este era um preço razoável a pagar para tê-la ao seu lado. E não sofreu com isso.

- Você não imagina a bela vida que levamos naquela época... Eram festas, passeios, amizades comuns. Sintonia total, em gênero, número e grau, com uma química formidável. Todos louvavam o par que fazíamos. E não era pouca a inveja que muitos tinham de nós.

- Tinha tudo para dar certo... E não deu?

- A vida tem esquinas perigosas... E numa dessas eu me perdi.

- Conte como foi.

Ele contou, com a voz um tanto embargada. Era impressionante aquilo, acontecimentos de dez anos passados ainda afetarem tanto uma pessoa, ainda mais um tipo que eu considerava durão, como meu amigo.

Foi assim: estavam já prestes a formar quando lhe apareceu uma tentação irresistível, sob a forma de uma colega de turma – esta do tipo liberal – que esteve com ele em uma festa, estando Jerusa fora da cidade, em visita aos pais. Começou com uma conversa macia, sem compromisso, mas logo olhares, assuntos sutis e certos toques de pele começaram a despertar sensações fortes em ambos, e com tal moça não houve recusa ou pedido de adiamento: na mesma noite estavam na cama, ou melhor, no banco de trás do carro que Antônio às vezes tomava emprestado do pai.

Mas a tal moça liberal era amiga de Jerusa... Além disso, aquilo ficou escancarado e parte da ação foi vista por muita gente que convivia com o casal. Antônio achou que a melhor saída era abrir o jogo com a namorada. Na volta de Jerusa, ele ainda estava na fase dos rodeios, procurando o melhor momento para tocar no assunto, quando ela própria lhe comunicou que já sabia de tudo e que aquilo para ela era o fim. E não quis mais conversar sobre o assunto. No dia seguinte

mandou devolver, por um colega, os livros e alguns outros objetos que o namorado tinha deixado em sua casa.

Antônio tentou demovê-la, segundo me disse, mas dada a fraqueza da carne, reforçada pela força da decisão da tal moça que sabia o que queria, não foi difícil para ela aceitar a perda de Jerusa, embora tenha feito algumas tentativas ao longo dos meses seguintes. Sem sucesso... Até que chegada a formatura, poucos meses depois, Jerusa foi fazer residência em São Paulo e ele próprio tomou outro rumo. E não se viram mais. A colega liberal foi apenas um sonho de verão, tendo todo aquele namoro tão ardente esfriado pouco depois e não durado mais do que um semestre letivo.

Quando veio para minha cidade, no interior, terminada sua formação, arranjou colocação em uma clínica que precisava de um especialista como ele e em pouco tempo virou também professor na Faculdade de Medicina recém-aberta por lá. E foi assim que conheceu Sonia, sua aluna, por quem teve uma queda imediata, logo correspondida, situação que evoluiu para gravidez e casamento em poucos meses. Por trás de tudo, uma moça casadoira e uma família que fazia questão de papel passado. E ele que andava gostado da liberdade que a vida de solteiro lhe dera depois rompimento com Jerusa e da passagem da moça liberal em sua vida, se viu novamente preso no laço amoroso. E ao primeiro filho sucedeu um segundo, com diferença de apenas um ano entre os dois nascimentos.

Dito isso, mergulhamos em boa garrafa de um Valpolicella, seguido de um português, outro italiano, além de um chileno meia-boca, para arrematar. Bêbados, ambos, eu vi então um homem chorar de verdade, de saudade do passado e de arrependimento, coisas para as quais é impossível qualquer consolo.

Voltei ao Rio com pena dele, mas com a sensação de que não havia nada a fazer pelo meu amigo. Até que um dia...

Era uma sessão de congresso médico, daquelas que os corredores costumam ficar mais apinhados do que os auditórios, propriamente. Mas lendo o programa eu vi que havia uma palestra sobre algo complexo, ligado à tipagem genética das células brancas do sangue, tema que não me interessava quase nada. Mas pude ver que o nome da palestrante era Jerusa Soares de Alencar, a musa de Antônio, em pessoa! Era hora de conhecê-la, finalmente.

Cheguei atrasado e a sessão já tinha se iniciado. Na mesa pude ver apenas o rosto da musa, de longe. Parecia simpática, de fato, mas não exatamente a maravilhosa mulher de quem eu ouvira tantas histórias. De onde eu estava, pude pressentir que o tempo tinha feito alguns estragos naquela escultura. Quando finalmente a vênus desceu da mesa, findada a palestra e o debate, me deparei com uma figura

totalmente diferente de qualquer dos devaneios do pobre apaixonado. Um rosto que talvez já tivesse sido bonito, mas encimando um corpo disforme, marcado certamente por muitas gravidezes, para dizer pouco. Perímetro glúteo de um metro inteiro, se duvidar, embora ancorado por altura pequena, que talvez não passasse dos oito palmos de que havia me falado Antônio. Um abdome proeminente. Roupas meio balofas, que haviam substituído a decantada simplicidade no vestir por descuido e mesmo cafonice.

Que decepção...

Na minha próxima volta à cidade, para onde vim procurar minha vaga no mercado de trabalho local, já tendo deixado o Rio para trás, até que tentei evitar o encontro, mas ele acabou acontecendo, já que fazia parte da minha rotina ali. Antônio me veio com a pergunta de sempre.

- *E aí você conseguiu vê-la?*

- *Não. Não consegui, foi pena...*

Melhor assim.

8. CONVERSA DE MULHERES

Não se nasce mulher: torna-se mulher. Nossa! Esta frase de Simone me inspira. Vejo aqui neste consultório que ela é demonstrada e justificada a cada dia que passo aqui dentro, pois cem por cento das frequentadoras daqui são mulheres. Vale diretamente para mim também, que *me torno mulher* a cada dia que passa. Homem aqui só os eventuais maridos e namorados, além da maioria dos médicos, claro. São bem vindos, mas não deixam de ser minoria – e como tal devem se comportar.

Não. Não sou nenhuma intelectual. Longe de mim. Sou apenas uma secretária – ou recepcionista, se quiserem – em uma clínica *para* mulheres, com ginecologistas, esteticistas, dermatologistas, nutrólogos e outros menos votados. Como se só as mulheres precisassem disso...

Se tivesse tempo e dinheiro eu realmente teria feito faculdade, de preferência em alguma das faladas ciências humanas, quem sabe Sociologia. Mas a questão é *tempo e grana*, e eu careço de uma coisa e de outra. Em compensação me sobra vontade de compreender o que se passa na cuca desta fauna de parceiras portadoras de úteros e ovários que circula por aqui. Aquelas que Simone dizia pertencerem ao famoso *Segundo Sexo*. À noite, antes de dormir, sempre dou uma lida em quem entende do assunto, outras mulheres de preferência. Ela, Mme Beauvoir, por exemplo, é uma das minhas preferidas.

Gente, posso ser apenas uma secretária, e pobre, morar longe e tal; mas não sou burra.

É cada tirada que esta francesa querida tem... *Me gusta* sua coragem, exercida em tempos pré-históricos, quando acho que nem havia feministas de verdade, e aquelas que se ousavam dizer alguma coisa sobre as fantasias projetadas pelos machos nos corpos das mulheres, além da desimportância delas na sociedade, quase iam para alguma fogueira. *Vergonha* e *autoculpa*, duas das palavras fortes da obra dela, frequentam assiduamente esta sala de espera. Quando ela diz que as mulheres acabam por se realizar como corpos sujeitos a tabus e moldagens inventados pelos machões de plantão, servindo de desculpa para mais ainda discriminá-las, eu estremeço por dentro, de tanta razão que vejo nisso. É uma verdadeira *gênia* esta mulher – eu amo ela, de montão!

- *Bom dia...*

Preciso me concentrar nas minhas atividades de secretária. Dá licença...

Esta que acabou de chegar é garota de programa. Mas é pessoa super consciente, vem aqui duas vezes por ano para fazer revisão ginecológica, prevenção de câncer, essas coisas. Quando veio pela primeira vez, ao lhe perguntar pela profissão, para preenchimento do prontuário, ela foi direto ao assunto: *puta*. E arrematou: *não acredita? Pois então acredite. Eu não tenho nenhuma vergonha em dizer.*

Realmente, esta detona todos as visões padronizadas. Qualquer um a julgaria, pela aparência, como uma bancária, estudante universitária, professora, ou algo assim, bem convencional mesmo, cem por cento família. Pelo menos quando vem aqui. Nas noites – e eu já a vi em ação, numa calçada – ela se transforma de fato, Cinderela ao contrário. Sinceramente? O charme que ela carrega, com sua minissaia, seu casaquinho decotado, seus saltos de doze centímetros e suas meias escuras – céus! – é de fazer inveja a muita mulher. Aliás, ela é uma figuração. Adoro ela.

- *Bom dia minha filha... Eu tenho consulta marcada com o Dr. Fulano...*

Esta é novata aqui... Parece gente fina. Tailleur bem arranjado, cabelos bem pintados, joias fiascantes, bolsa de grife, motorista na porta. Abro-lhe logo o prontuário e deixo-a na sala de espera, fazendo companhia a minha amiga desinibida. Vamos ver no que dá...

- *Bom dia...*

- *É cliente do Dr. Fulano?*

- Costumo ser, quando ele pode atender. Mas tem os outros também, são todos bons...
- Pois eu só vou naqueles em quem adquiro confiança. Aliás, nessas questões prefiro médicos homens. Meu marido fica contrariado, mas sei lá, as mulheres nem sempre acertam com o corpo da gente.
- Pois para mim tanto faz... Mas acho que o exame feito por mulher dói menos, afinal de contas, né, é um pedaço da gente que ela tem obrigação de conhecer melhor. Mas para mim é indiferente.
- Você é casada ou solteira?
- Solteiríssima... Na verdade, mais ou menos.
- ?
- Ah, solteira, pra todos os efeitos.
- Não tem vontade de casar?
- Já experimentei e não gostei.
- Um bom homem faz falta na vida de uma mulher...
- Homem bom? Concordo, mas tá difícil de encontrar. Mantendo mais de um ao alcance das mãos as chances aumentam.
- Nossa, minha filha, você tem cada uma!
- Mas deixa estar, um dia, quem sabe, arranjo um só pra mim. Mas não tenho pressa.
- De minha parte, eu gosto realmente de ser casada. Mas tem hora que realmente a vontade de ser livre fala mais alto. E eu fui uma menina tão solta...
- A gente não nasce mulher; a gente se torna mulher...
- Como?
- Nada... Acho que a vida da gente é ajeitada a cada dia. Ninguém é predestinado a nada. O que tem mesmo é muito machão, pais, padres, professores por aí querendo impor regras às mulheres. Mas eu tô fora.
- Você deve ser feminista...

- Claro que sou! Mas do tipo que não enxerga os homens como inimigos. Aliás, adoro eles, desde que não queiram mandar em mim ou me dominar... Neste aspecto, sempre falo com eles: deixa que EU domino! Uns não gostam, outros – a maioria aliás – adora.

- Você acha mesmo?

- Tenho certeza. Mas o que chamo de dominar não é ficar mandando os homens fazer ou não fazer coisas bestas, do tipo: ‘não olhe para outra mulher’, ‘hoje você não vai tomar cerveja com seus amigos’, ‘futebol, de novo!?’ , ‘hoje não, meu bem, estou com dor de cabeça’ – essas besteiras que mulheres abestalhadas vivem aprontando.

- Mas este negócio de dominar... complicado, né? Eu fui criada numa família de mulheres, meu pai faleceu quando eu era pequena. Minha mãe e minhas tias sempre tiveram como valor a capacidade da mulher agradar o homem. Mesmo sem homem na família, como era o nosso caso. E eu acredito nisso...

- Pois eu fu criada no meio de um monte de macho e assim tive que aprender a me virar. Ali na família, o que chamo de dominar era mandar mesmo, sem apelação. Com os ‘outros’, homens que a gente pode escolher, a situação é diferente...

- Nossa! Escolher homens, nem me passa pela cabeça uma coisa assim. A gente é escolhida, acho. Mas conta como é!

- É mais ou menos assim: logo que a senhora conhece alguém...

- Por favor, me chame de você...

- Pois é, logo que você vê alguém interessante no pedaço, tem que ficar esperta e já chegar marcando posição, sem dar moleza. É pão-pão, queijo-queijo! Tem que botar as regras do jogo. Eu sempre faço isso. Depois, pode ir ajeitando aos poucos. Até que um dia você vai dominar um desses machos apenas estalando os dedos ou piscando os olhos. E ele ainda vai pensar que não é você que domina de fato, mas sim ele.

- E como você consegue uma coisa dessas? Isso me parece tão complicado... Acho que obriga a mulher deixar de ser feminina.

- Fácil não é... Tem que treinar. Aliás, para mim, isso é que significa ser feminina de verdade. Ou fêmea, se você quiser. Mas depois de uma boa dúzia de caras passar pelas suas mãos, você pega a manha e não falha mais.

- Ai, que horror...

- Que nada, você não sabe como isso é bom. Nos dois lados da mesa, ou melhor, da cama. Nada como uma mulher poderosa ao lado de um homem submisso a ela, mas pensando que ele é que tem o poder nas mãos. Homem é um bicho meio besta.

- Onde você aprendeu isso, cruzes!?

- Criada numa família com um monte de machão no meu pé, meu bem. Tem que dar conta. Simples assim. Mas hoje eles me respeitam de verdade. Tanto que nenhum deles me enche a paciência pela profissão que tenho...

- Mas qual a sua profissão, minha filha?

- A senhora quer saber mesmo?

Neste exato momento, Doutor Fulano assoma à porta e a potestade feminina é chamada para atendimento. Já de entrada, troca um rápido e fraterno beijinho com o médico, que graceja com ela alguma coisa relativa à sua ausência desde a última revisão.

Madame oxigenada recorre a mim:

- Que moça interessante, né? Queria continuar conversando com ela. O que ela faz na vida.

- Acho que é pedagoga, terapeuta, algo assim...

É o que consigo explicar a Madame, depois de alguns segundos de suspeitoso silêncio.

Aí ela desabafou.

- Sabe, entendi direitinho o que ela é. Ganhando dinheiro e presentes para dar amor. Infelizmente é o que acontece comigo também, não nas ruas, mas dentro de uma casa cheia de luxos. Tenho até vergonha de dizer. A diferença é que faço isso com um único homem, que na verdade detesto. Mas ela, pelo menos, é feliz com a sua vida. E eu carrego isso como um peso, uma fieira de pecados. E ela com essa leveza, essa segurança e essa alegria toda. Que inveja... Preciso ir embora. Adeus, minha filha.

- Bom dia pra senhora, volte sempre!

Ah, Simone, Mme. Beauvoir: você disse tudo! Fico vendo essas louras oxigenadas aqui e me vem à cabeça como a nossa condição – ou falta dela – é uma questão de política, de poder. Um monte de temas esquecidos e tabus, as pessoas encontrando palavrinhas doces para falar disso e daquilo, igual essa dona aí. Depois querem compreender,

na verdade para negar, a desigualdade e subordinação das mulheres. Não tem essa de ‘pessoal’ ou ‘político’; para mim é tudo assunto para reflexão, discussão e expressão. Não sei como, mas é preciso botar pra quebrar, abrir mais e mais espaço para que mulheres *causem*, sejam elas mães de família ou garotas de programa – ou as duas coisas, se for o caso. Liberdade, igualdade e libertinagem!

E nada de deixar para nós, mulheres, apenas aquela infame gaiola de ouro do *lar* como único espaço natural, este jeitinho seguro de nos deixar mais infelizes e até mesmo invisíveis. E temos que fazer a boa política, com um “P” bem maiúsculo, o mesmo de Poder, de Pública, de Plenitude e de Pênis. Que se danem os machos com sua *cidadania*, feita à imagem e semelhança deles, deixando para nós, mulheres, apenas o ‘governo’ daquele mundinho privado, feito de necessidades, afetos, desejos e fraldas para lavar. Que se danem!

Já ouviram falar da tal de Penélope? Acho que é uma daquelas famosas mulheres de Atenas. Ser uma dessas aí, nem de longe, Deus me livre. Passo! Gente como esta Madame Oxigenada que pela vida a fora faz apenas o papel de *esposinha* que espera e espera, para depois servir e se entregar a um sujeito mais forte. Será que passa pela cabeça de alguém assim ser forte também? *Madame*. pelo visto, sonha com um lado *puta* que ela não conhece direito. E mal consegue imaginar o que é *liberdade, igualdade, insubordinação, libertinagem, autenticidade* – essas coisas aí.

E eu? O que quero da vida? Acho que ainda não sei, ainda não cheguei aos trinta anos e tenho tempo para pensar nisso. Mas tenho muitas certezas sobre o que não quero. Acho que seria de bom tamanho para mim encontrar um homem legal para ficar ao meu lado, carinhoso, educado, culto. Deve existir algum por aí. Mas pensando bem, nem precisa ser homem...

Agora volto ao trabalho. Garota já se foi e Madame me chega com um monte de pedidos de exame. Qualquer hora faço essas duas se encontrarem. Ora se faço... E quero assistir esta conversa. Vai sair fagulha! A Puta vai parir outra Mulher.

9. UM TIRO DE CARTUCHEIRA

Eu estava de volta àquele lugar, passados muitos anos. Não me lembrava de muita coisa dali. Mas aquela porteira, que de fato poderia ser a mesma de décadas atrás, me pareceu conhecida, assim meio bamba e desgastada pelo tempo. Também me pareceu familiar a vista daquele alto de estrada, com um largo horizonte alcançado.

Eu voltava ali depois de tantos anos por circunstâncias especiais: ia fazer uma palestra na região e devido a uma interrupção acidental na via principal, me via forçado a passar por aquela estradinha secundária. Aliás, ao trafegar por ali me lembrei, no inicio, apenas vagamente de ter estado lá, em circunstâncias que, logo em seguida percebi, se dependesse apenas de mim, seriam esquecidas. Mas o fato é que, se pudesse ou avisado fosse, eu certamente procuraria evitar tal trecho.

No automóvel, tentando concatenar ideias para o meu palavrório da noite, os acontecimentos antigos foram se arranjando na minha cabeça. Puxei da memória aquela semana de recesso escolar de trinta anos antes, que fomos passar, eu e três colegas de faculdade, no sítio da família de um deles. Ali nos divertimos à tripa forra, como é comum a quem tem duas décadas de vida e uma longa sucessão de anos pela frente. Noites de bebedeira, conversas intermináveis, incursões literárias e filosóficas, caçadas de tatu, andanças pelos matos em plena noite. E um permanente desejo de fazermos troça uns dos outros, por exemplo, com latas de água colocadas na porta do banheiro, que eram despejadas ao serem puxadas por cordões quando um infeliz saía do banho, naquelas noites serranas frias de se bater queixo. Ninguém se importava com aquilo, ao contrário, com mais entusiasmo se articulavam novos planos de tormentos ao próximo, tão logo fosse possível e favorável para tanto.

Zé Maria, o dono do sítio, ou melhor, o filho do doutor José Maria de Benevides e Silva, o verdadeiro proprietário, era o campeão de tais brincadeiras noturnas, ao mesmo tempo que era imbatível nas discussões filosóficas, citando Kierkegaard e Schopenhauer com a intimidade de quem fala de algum Tonico da esquina. Os outros éramos eu, Dalton e Celso. Zé Maria liderava uma outra atividade, para ele um folguedo extraordinário, que era o de sair a caçadas noturnas ou mesmo diurnas, armado com uma cartucheira de calibre grosso, que acabava sendo disparada contra algum cupinzeiro, por falta de caça real. A única vez que atirou para valer em algo vivo foi no que lhe pareceu ser um ouriço-cacheiro mal divisado na noite, agarrado a um tronco de laranjeira, mas que em seguida se mostrou como morada de terríveis marimbondos, que atacaram impiedosamente o incauto caçador. Por sorte, só o agente da façanha foi atingindo pelos ditos, que esvoaçaram furiosamente ao redor do ninho semidestruído pela chuva de esferas de chumbo. Nós outros, o restante da malta, em distância cautelosa, fomos poupadados, felizmente. Geralmente não fazíamos companhia a Zé Maria nessas empreitadas armadas, salvo eu ocasionalmente, que por nunca ter atirado na vida, resolvi experimentar o gosto daquilo.

Algumas vezes, por pura diversão, carregávamos a tal cartucheira com borra de café no lugar do chumbo e, com a pólvora restante nos divertíamos de dar tiros de festim uns nos outros, de efeitos curados

por um bom banho, em uma guerra imaginária, que antecipava o esporte que iria se tornar popular muitos anos depois.

E assim corriam nossos dias, despreocupadamente, alterando banhos de bica, excursões de infrutífera caça, noitadas que intercalavam tertúlias intelectuais e filosóficas e peças maldosas pregadas nos desavisados. Havia um vilarejo próximo, ao qual fomos apenas uma vez, por carecermos de condução e também de maiores alternativas de afazeres por lá. Como era época de festa junina, ou comemoração de Santo, estivemos em uma quermesse, onde nos fartamos de comer pamonhas e beber quentão. Mas acabamos saindo quase corridos dali, pois um dos nossos resolveu se engráçar com uma donzela local, o que fez que quase fôssemos linchados pelos parentes da moça. Já meio bêbados, saímos em louca carreira, tropeçando pela estrada esburacada e escura, e apesar do susto nos sentimos recompensados pela pândega. Afinal, não custa lembrar, ninguém ali tinha mais de vinte anos e um estado de festa era permanente em nós.

Um dia, resolvemos ampliar nossos horizontes. Zé Maria, que por força de ser frequentador antigo daquelas paragens, tinha maior conhecimento da região, propôs a ida a uma mata relativamente fechada, que ficava a 15 ou 20 km dali. A pé, claro. E pôs naquilo grande empenho, como um grande estrategista a cuidar de cada detalhe da marcha, como se fosse uma empreitada quase militar, calculando hora de saída e volta, tempos de caminhada, flancos de abordagem do terreno, reservas de água e comidas, pontos notáveis no percurso, agasalhos etc. E mais o que não poderia faltar: a famosa cartucheira, devidamente municiada com munição de chumbo real, não mais de borra de café. Afinal de contas, segundo ele, aquela floresta prometia alguma caça, quem sabe até anta ou capivara. E para ele, a palavra de ordem era *matar*, sem apelação. Naquele tempo isso era quase banal e nisso o sujeito fazia profissão de fé.

E então, às seis da manhã, num frio siberiano, fomos despertados por Zé Maria, aos gritos, para que iniciássemos a jornada, que mais parecia a expedição para livrar um pai ou outro parente de ser enforcado.

E como a coisa havia tomado ares reais de expedição de conquista, começamos a brincar de guerra, ou melhor, de guerrilha, porque na época andávamos influenciados pela morte de Che Guevara e pelos escritos de Regis Debray. Tudo era festa. A ilustre cartucheira passou a ser agora uma espécie de galardão, cuja posse nos revezávamos a assumir, com muita honra. E andávamos com aquilo em riste, não a tiracolo, como se procurássemos inimigos nas moitas. Nos turnos de Zé Maria, a procura da caça, que mais uma vez se revelaria infrutífera, ganhava ares de missão, ou pelo menos de verdadeira atividade profissional. Mas em tal jornada, verdade seja dita, não se disparou nenhum tiro, até porque já não havia muita munição em nosso paiol. E muito menos caça nos territórios então palmilhados.

E foi aí que aconteceu o fato que quase mudaria duas vidas. Uma, por assassinato, outra por remorso eterno. A arma estava em minhas mãos e, de repente, teve um dos gatilhos acionado, sem que eu aparentemente o tocasse. Eu não a tinha armado para tanto e nem sei quem o fizera, talvez fosse aquele que a portava antes de mim, ou seja, o próprio Zé Maria. Mas por um milagre o cão batera sobre a espoleta do cartucho e não a deflagrou, embora chegassem a produzir uma marca pontual no metal. Eu abri e conferi, pessoalmente, em seguida.

Um arrepiô me percorreu a espinha, ou mais, da planta dos pés à raiz dos cabelos. O próprio dono da cartucheira estava justo à minha frente e a arma apontava para seus rins... Os outros nem perceberam. Eu fui a única testemunha por um momento, mas como não consegui disfarçar o impacto moral que aquilo me provocou, tive que compartilhar com os demais o anúncio daquele desastre quase acontecido. Tivemos alguns minutos de comoção compartilhada, descarregamos e travamos a cartucheira, com um silêncio fúnebre a dominar o ambiente. Àquela altura, diante do acontecido, talvez porque as duas ou três léguas anunciadas por Zé Maria pareciam invencíveis, também por uma chuva que se anunciava no horizonte, resolvemos desistir da expedição e voltar para o conforto do sítio do Doutor Benevides e Silva.

Completamente sem graça ou ânimo, nós mal e mal tomamos uma sopinha de batatas e fomos direto para a cama, sem discussões literárias ou filosóficas, sem troças noturnas de qualquer espécie. De minha parte, tive uma noite de sobressaltos, com pesadelos com pessoas agonizantes, afogadas num mar de sangue e vísceras expostas.

Tudo teria ficado por isso mesmo se não fosse a sequela que me apareceu tardiamente.

Foi assim: coisa de quatro a seis anos depois, eu estava num jantar de família e de repente um parente mais velho, com o qual, aliás, eu não simpatizava muito, me indaga à queima roupa: *conta pra todo mundo aquela história da carabina que quase disparou em suas mãos*. Eu me fiz de desentendido, mas ele insistiu, citando o local, os personagens e também a data aproximada do ocorrido.

De novo uma onda de frio e mal estar me percorreu o corpo. Como podia ser aquilo? É bem verdade que nós, os diretamente envolvidos, não havíamos feito nenhum pacto de silêncio explícito na ocasião, embora isso parecesse óbvio. Mas como aquele intrigante ficara sabendo do que acontecera naquele dia fatídico?

Não. Nenhum dos quatro participantes da excursão, com certeza o conhecia. Não pude confirmar isso diretamente com eles, pois nossa convivência já havia terminado após a formatura na faculdade, mas as probabilidades eram praticamente zero. Talvez ele ficara sabendo por

uma terceira – ou quinta – pessoa, por sua vez informada por alguma das testemunhas diretas.

Como saber? Indagar diretamente ao parente seria correr o risco de fazer com que a situação se agravasse ainda mais, porque ele era conhecido pela indiscrição e falta de noção nas coisas que dizia e fazia. Frequentava nossa casa por obra e graça de meu pai, que o respeitava, dados os laços familiares. Para ele, gente de seu sangue era sagrada. Mas não era, de alguma forma, querido por nós, seja por minha mãe ou meus irmãos. Um tanto grosseiro, eternamente desempregado, buscando e monopolizando a atenção nos grupos onde estivesse presente. E de uma escassez de repertório verdadeiramente chocante para se manifestar ou alimentar conversas.

Naquele momento fui salvo pela chegada de mais um parente, que logo atraiu as atenções da mesa – com a vantagem de ser este, pelo menos, uma pessoa tratável e querida por todos.

Mas não parou por aí o meu temor. Na visita anual que o tal primo fazia a meu pai, por ocasião do aniversário deste, ele fazia questão de retomar o assunto ao me ver, e o que é pior, geralmente na presença de outras pessoas, embora já da segunda vez que ele o fizera eu lhe disse, com bastante energia na voz, não saber do que se tratava. Ele, no seu modo habitual, chegou a me ironizar, dizendo qualquer coisa como *ora você está perdendo a memória muito cedo...*

Suportei isso por anos a fio, até que um dia chegou a notícia que não deixou de me alegrar: o sem-noção morrera por um infarto agudo do coração.

Fim do meu pesadelo, pensei.

Descansei disso por vários anos, mas um dia, ao visitar um outro parente do meu pai a quem não via há muitos anos, que vivia na cidade natal da família, também primo do detestado novidadeiro, eis que aquele me brinda com uma acolhida inesperada: *é você o moço que quase matou um colega com um tiro de cartucheira?*

Calei-me dessa vez, resignando-me ao fato de ter sido condenado por um crime que não cometi; aliás, que nem aconteceu. Achei que seria de bom tom rezar uma missa pela alma do meu indesejado parente. Quem sabe assim eu obteria o descanso que julgava merecer?

10. MENINA DE TRANÇAS

Ele acordou cedo naquele dia. Melhor dizendo nem dormira direito toda a noite, tal era sua expectativa. Afinal, iria sair para uma viagem com o pai, os dois e mais ninguém, como ainda não acontecera em sua vida. Era uma viagem de 'negócios', assim a designava o pai, que até então desempregado, iria tentar uma carreira de representante e vendedor de produtos alimentícios pelo interior do estado.

O garoto estava particularmente feliz, e mesmo surpreso, porque acabara de sair de um período tumultuado de convivência em casa. Uns dias antes, fora separar uma briga de dois irmãos mais novos e acabou sendo ele próprio punido pelo pai, de forma violenta, responsabilizado como agente e não moderador da confusão, sem que fosse defendido pelos contendores. Em outro momento, como trouxera da escola um boletim com notas sofríveis, a própria mãe, que nos casos mais graves recorria ao pai, o recriminou severamente, punindo-o, mais uma vez com a suspensão do Chica-Bom semanal por todo o mês.

Tudo isso era rotina em sua vida, em particular as surras aplicadas pelo pai, por motivos que muitas vezes lhe pareciam fúteis, mas o último mês lhe fora especialmente ingrato. E a última daquelas surras, com um cinturão sempre pendurado atrás de uma porta para tal finalidade, lhe havia deixado uma marca da fivela na coxa, ainda roxa e um tanto dolorosa na véspera da prometida viagem.

Mas aquela manhã era promissora e estava bem começada, com o pai encarregando-o de colocar as malas no carro e ligar o motor, para que esquentasse enquanto tomavam o café da manhã, conforme costume da época. Ao cuidar de tais afazeres, ajeitou no banco traseiro, com especial atenção, o embrulho feito com pano de prato, com algumas guloseimas que a mãe preparara para a viagem. Nada poderia ser melhor do que aquilo.

E seguiram pelas estradas, inicialmente já conhecidas, mas logo em seguida adentrando mais e mais em territórios ignotos. O pai, ordinariamente taciturno lhe parecia, desta vez, especialmente atencioso, embora não desse resposta à totalidade de suas perguntas e observações surgidas durante a viagem. Mas para ele aquilo era, ainda assim, o melhor dos mundos.

Pela hora do almoço já estavam em outra cidade, diferente de todas as outras que ele conhecera, com suas ruas empoeiradas, casario antigo e uma enorme estação de trens. A natureza, para se chegar até ali, era uma vastidão plana, totalmente diversa do ambiente montanhoso ao qual ele estava acostumado, e ali cresciam árvores esquisitas, tortas e cascudas. Aqui e ali pessoas vendiam os frutos típicos daquela paisagem, de uma tonalidade amarela e de um odor penetrante, como ele nunca havia visto ou sentido antes. Aprendeu, logo de saída, o nome

de tais coisas novas que aquela viagem, tão augurada, lhe trazia: o mato era *cerrado* e o fruto *pequi*.

A hora do almoço, em restaurante próximo à estação, ainda lhe trouxe mais coisas novas, como a comida fortemente temperada, a carne de bom sabor, mas especialmente salgada, as garrafas de pimenta, imensas e arrolhadas com sabugos de milho. Em uma mesa próxima, um homem retirava desses frascos quantidades enormes de pimentas, colheradas e mais colheradas, que uma vez amassadas com um garfo no prato, ele comia em forma de pasta no pão, demonstrando grande prazer com isso, embora seu rosto se transfigurasse em tons de vermelho ao roxo e o suor lhe corresse pela testa e bochechas como se estivesse debaixo de um chuveiro.

E as surpresas se acumulavam, a cada momento mais interessantes. Agora, era o trem de ferro, que o garoto iria experimentar pela primeira vez na vida. Deixariam o carro naquela cidade para ir até outra mais adiante, na qual se iniciariam, finalmente, os 'negócios' que haviam motivado aquela excursão de filho e pai pelos sertões do estado. Era tudo emoção.

O trem lhe provocava especial sensação, mas ele o achou lento, barulhento e, principalmente, muito malcheiroso, dada a proximidade do assento que tomaram em relação ao banheiro, em uma ponta do vagão. Mas ver a paisagem pela janela, depois de algum tempo recompondo sua familiaridade com as montanhas, lhe era prazeroso, de forma especial. Em dado momento, ele pôde ver um grupo de pessoas junto a um pontilhão, em atitude de quem usufruía de um banho de rio. Eram mulheres, estavam em trajes sumários e uma delas, ele mal e mal percebeu, se escondeu de forma apressada atrás de uma moita, por estar, ao que parecia, nua. Ele mais tarde chegou a duvidar se vira de fato os seios ou mesmo a mancha negra do púbis, tão de relance aquilo ocorreu, mas a sensação proibida, por si só, já lhe bastava. Só não viu mais porque, numa curva, a chuva de fagulhas e fuligem com a velha locomotiva a lenha lançava, lhe turvou por completo a visão. Ver uma mulher nua: aquilo era a melhor novidade, em um dia tão cheio delas. Anos mais tarde ele se lembraria disso ao ler um poeta que tratara algo semelhante como *meu primeiro alumbramento*.

Lamentou que a cidade de destino lhes chegasse antes do esperado, pois mesmo com os percalços do desconforto e dos maus odores, estava apreciando, de verdade aquela inédita jornada em trem de ferro. Mas também a nova cidade, a segunda em um único dia, lhe pareceu curiosa e digna de ser apreciada. Cercada por uma natureza de pedras muito claras e portentosas, com a vista alcançando largos horizontes, mesmo com tudo isso o que mais lhe chamava atenção eram as ruas estreitas, calçadas por enormes placas de pedra e o casario antigo, com paredes brancas, janelas e portas muito coloridas. E uma profusão de

igrejas. Ali fazia frio, bem mais do que na parada anterior e o pai lhe explicou que isso era devido à altitude.

Tomaram hotel, num casarão da rua principal e ele ficou feliz pela situação do quarto, que projetava uma graciosa varanda em direção à rua de frente. Saíram para jantar e mais uma vez lhe tocou a feliz sensação de estar agora a fazer certas coisas que eram totalmente raras em sua vida com a família. Lembrou então dos irmãos, não com saudades, mas pensando na inveja deles se soubessem de suas aventuras naquele dia. Não conseguiu aproveitar bem o jantar, porque lhe pareceu ter gosto estranho aquela sopa, no que o pai, em raro gesto de afinidade, concordou com ele. Mas ficou feliz por ter tido o direito de completar a refeição com um refrigerante.

Depois do jantar andaram por momentos pelas ruas centrais, com ele encantado com as fachadas dos casarões, tão diferentes e muito mais bonitos do que os prédios que ele conhecia em sua cidade. Em uma esquina, homens e mulheres se agitavam, mesas na calçada e casais abraçados, com música e luzes abundantes, em torno do que parecia ser uma festa. Ficou curioso com o fato que aquilo acontecia em várias das casas daquela rua, algumas das quais mostrando uma luz vermelha na porta. O que seria aquilo?

Quando ele achou que o passeio noturno estava apenas começando, o pai o surpreendeu com uma mudança de planos, dizendo que seria melhor eles retomarem ao hotel. Eles? Os dois? Qual seria o motivo? Logo viu que a determinação alcançava apenas a ele. O pai apenas o conduziu ao quarto, recomendou-lhe que não trancasse a porta e saiu de novo, deixando-lhe ali um tanto frustrado. Mas, pensando bem, gratificado pelos acontecimentos do dia. Mais do que ele merecia, pensou, modestamente.

Com tantas emoções o sono não lhe tardou. Só deu por si no dia seguinte, já com o sol alto, o pai na cama ao lado. Não percebeu a hora que o mesmo chegou, mas achou estranho que àquela hora, com o sol batendo de chapa no cômodo, ele ainda estivesse na cama, contrariando seu costume. Deve ter chegado bem tarde, pensou.

O dia agora, era para os tais ‘negócios’. O pai determinou que ele lhe acompanhasse, não perguntando se ele gostaria de ficar no hotel ou fosse fazer outra coisa, vagar por aquelas ruas que lhe agradavam tanto, por exemplo. Mas aquilo era apenas costume, nada mais, e segundo o que já lhe havia dito o pai, era assim que ele fora criado também. E acrescentava, enfático e com o dedo em riste: e olha que eu tenho o maior respeito pelo seu avô, que foi um excelente pai para mim.

Para que discutir? Vai ver que a lei do mundo sempre foi essa mesmo... Além do mais, nas raras ocasiões que ousava contestar o pai o assunto

era encerrado com opressivo silêncio, quando não com gritos e ameaças.

Pela hora do almoço, mais novidades. Sem que ele soubesse o motivo o pai lhe avisou: *-você vai voltar para casa hoje*. Ele esboçou querer saber o porquê. – *Vai voltar e não discuta, rapazinho, eu estou mandando*. E completou: *se quer saber mesmo, vou lhe dizer: como é que você viaja sem trazer um agasalho?* O garoto: *- mas foi a mãe que arrumou a mala...* O pai: *calado! Antes que eu me enfureça de vez...*

Bobagem querer discutir com alguém assim, mais uma vez ele se resignou...

E assim, 24 horas depois das emoções de viajar de trem, de ver aquela moça nuazinha no banho, do contato com uma cidade tão diferente de bonita, e da aprazível caminhada noturna com o pai, viu-se o garoto embarcado num ônibus, de volta à companhia da mãe e dos irmãos. Calado, frustrado, sem saber o porquê real dos novos acontecimentos e o que é pior, depois de ter experimentado, por momentos fugazes, a sensação agradável de que o pai finalmente lhe fazia justiça.

E naquele ônibus velho e moroso, não menos desagradável em termos de ruídos e odores do que o trem da véspera, embarcou, com a mente turvada por pensamentos sombrios e sentindo muita pena de si mesmo. Na primeira parada, quis esvaziar a bexiga e não conseguiu, por ter ao seu lado um brutamontes que fazia questão, bem a seu lado, de balançar seu instrumento vigorosamente e ainda liberar ruídos intestinais com grande estrépito. Tornou a embarcar no calhambeque não menos chateado, mas agora premido por uma bexiga incomodamente cheia.

Poucos quilômetros adiante, aconteceu. O ônibus para bruscamente e depois de alguns segundos de espera o motorista anuncia que havia um defeito grave no radiador e que tinham que aguardar um contato com a empresa, para ver a solução que seria dada. Havia um estabelecimento nas proximidades, coisa de um ou dois quilômetros, e os passageiros poderiam esperar lá.

Logo uma fila se fez, puxada pelo auxiliar do motorista, e os passageiros foram encaminhados a seu destino intermediário, na verdade um misto de lanchonete, armazém, hospedaria e borracharia, algo bem comum nos interiores do país. O atraso da viagem, embora tenha preocupado o garoto logo que anunciado, acabou por deixá-lo relaxado, não só por lhe retardar a volta ao lar, de onde ele preferia estar distante, mas também por lhe augurar possibilidades, quem sabe, de aventuras que poderia contar aos irmãos posteriormente, tirando de tal coisa não poucas vantagens. Além disso, também por acarretar possíveis preocupações à mãe, que lhe esperava ainda na noite daquele dia. Mas com isso ele,

intimamente, regozijava. Assim, a sombra inicial logo se transformou em serenidade e até certa alegria.

Com os trocadinhos que tinha no bolso, dados pelo pai à hora do embarque, viu que pelo menos poderia comer um pastel e tomar um caldo de cana, o que lhe pareceu de bom tamanho, diante das outras possibilidades de diversão ou aventura que a situação parecia abrir para ele. Como a empresa logo conseguiu um local para que os passageiros guardassem seus pertences e ele na verdade só portasse uma pequena sacola, viu-se logo liberado a explorar os arredores do estabelecimento, enquanto ainda havia luz do dia.

Andando por ali viu nos fundos uma casa, que parecia – e depois se confirmou – ser a residência dos proprietários do estabelecimento. Foi recebido de maneira festiva pelos cães e logo passou a brincar com eles, em total compartilhamento de afeição. A criação do terreiro, representada por perus, patos e galinhas, também logo lhe chamou atenção e ele até mesmo julgou ter atraído a atenção especial de algumas dessas últimas, que vieram cacarejar em torno dele, fazendo-o sentir bem recebido e até mesmo festejado. Isso tudo até que percebeu algo realmente novo no cenário, uma aparição que verdadeiramente celestial.

Sim, acabava de chegar uma menina mais ou menos de sua idade, loura, com um jeito de anjo, como aqueles que havia aos pés de uma Nossa Senhora que a mãe guardava no quarto, numa espécie de altar e a quem às vezes orava para que a vida da família melhorasse. Ela sorriu para ele e logo foi lhe perguntando o que fazia ali. A cena da moça no banho lhe voltava agora, mas carregada de outros sentimentos, que misturavam ternura e encantamento. E melhor ainda, uma presença física e consumada, sem qualquer fuligem ou turvação.

Ele falou do ônibus e ela se mostrou preocupada com o fato de que alguém de sua idade viajasse sozinho. Ele não perdeu a oportunidade de lhe pregar umas mentirinhas, que aquilo era comum para ele, que auxiliava o pai em seus negócios e que agora voltava ao escritório da firma, na capital, para tomar algumas providências. Ela não pareceu acreditar muito naquilo, mas de toda forma se manifestou sobre o quanto achava pouco adequado aquilo, dada a idade dele, que ela logo constatou ser de apenas um ano a mais do que ela. Aproveitou para contar a ele que ainda não havia ido à cidade grande, a capital onde ele morava, o que mais uma vez abriu ao herói a oportunidade de contar algumas vantagens, sobre a altura dos edifícios, as sessões semanais de cinema que ele assistia, a recente compra pela família de um aparelho de TV, as idas habituais dele e dos irmãos a uma determinada sorveteria, onde podiam consumir quantos picolés de Chica-Bom quisessem.

Ela cada vez mais interessada o colocava em um pedestal no qual ele jamais imaginaria estar. Falou da vida dela também, da escola que tinha que andar mais de uma hora para alcançar, da amiga principal que só podia ver em dias de aula, da tristeza que era ser filha única e não ter irmãos, da perda recente da mãe, dos sentimentos do pai recém enviuvado e tendo que cuidar do múltiplo estabelecimento ali ao lado, e mais da chácara onde viviam. De sua própria vida de trabalhos diversos, que incluíam cuidar da casa da família, tratar dos bichos e até mesmo lavar a roupa da família, na verdade restrita a ela e ao pai.

Ele encantado e ao mesmo tempo penalizado com aquilo a escutava, deixando de lado, aos poucos, as lorotas que vinha inventando. Já escurecia e a conversa prosperava, de maneira surpreendente para ele. Ela concentrada na conversa e ele não menos, feliz por ter antecipado que aqueles últimos contratemplos, que incluíam a devolução forçada a sua casa e o enguiço do calhambeque, viriam para o bem, como agora de fato percebia.

Ela o chamou para conhecer a casa, mostrou-lhe a sala, a cozinha, o quarto do pai e – suprema glória! – o próprio quartinho dela, com sua pequena coleção de bonecas, sua Nossa Senhora, seus dois ou três pares de sapatos, arrumadinhos debaixo da cama coberta por uma manta xadrez. Aquilo tocava fundo a alma do garoto, ele não sabia bem porque, mas exultava de íntimo prazer, por ter encontrado o que ele já considerava uma alma irmã.

Como já anunciavam a chegada de um novo ônibus, ele teve que se despedir. E então veio o prêmio do qual ele jamais se julgaria merecedor: ela se aproximou, tocou-lhe o peito com a mão e lhe pespegou um beijo na bochecha, tímido, fugaz, um pouco seco, mas sempre um beijo.

Ele voltou para casa feliz. A injustiça e a violência do pai, as discórdias com os irmãos, os eternos queixumes da mãe, o ambiente sombrio e infeliz da escola, as dificuldades com a aritmética e sua professora antipática, nada disso era problema para ele. Com aquela despedida que lhe oferecera o anjo de tranças louras, a vida realmente ganhava sentido. E ele, de repente, se via feliz. Como nunca. O resto não importava.

CRÔNICAS

1. UM MENINO CURVELANO

No remotíssimo ano de 1960 cheguei ao Colégio Estadual de Minas Gerais, nos altos de Lourdes, em BH, para assistir minha primeira aula no ginásio. Eu senti que haveria muitas novidades pela frente, a mais marcante delas, naquele momento de adolescência, pelo menos, era o de poder frequentar aulas de calças compridas. No Grupo Escolar elas eram curtas...

Pois bem, devo ter chegado ali meio tímido, afinal eu não conhecia ninguém. Meus colegas do primário haviam tomado outro rumo. Lembro que me sentei num canto da sala, tentando não chamar muita atenção e assim fui parar ao lado de um cara que parecia tão deslocado como eu. Logo puxamos conversa. Era um sujeito meio sisudo, com um cabelo que parecia começar logo acima das sombrancelhas, mas que me pareceu ter um olhar cúmplice para mim. Com pouca conversa fiquei sabendo que ele vinha de Curvelo, que tinha perdido o pai, que tinha vários irmãos, morava com mãe, avós e tias na via que então era conhecida apenas como “BR3”, hoje avenida Nossa Senhora do Carmo.

Em pouco tempo ficamos íntimos e nos agregamos numa mesma patota, ilustrada nas artes de gazetear e atormentar professores. Logo nos primeiros meses de colégio entramos, primeiro eu e depois ele, para o grupo de escoteiros que lá existia, pelo qual passaram várias gerações. Mesmo com os olhos críticos de hoje, acho, sinceramente, que não éramos apenas aqueles meninos vestidos de imbecis chefiados por um imbecil vestido de menino, como disse Juca Chaves. O escotismo foi fonte de muito aprendizado e de novas amizades para mim. Ali já pude perceber uma característica de meu amigo, permanente em toda a vida que levamos juntos, a de levar extremamente a sério as coisas que fazia. Eu não dispunha de disciplina nem de habilidades para os rituais do “sempre alerta”, ao contrário dele que, por assim dizer, seguiu carreira. Ele continuou escoteiro até mesmo depois que as pernas começaram a ficar cabeludas...

Meu amigo era uma das pessoas mais habilidosas que já conheci. Dominava de alto a baixo toda a antologia de nós especiais que aprendíamos nas reuniões de escoteiros, com a diferença que ele logo se tornava habilitado em todas as categorias da arte, enquanto eu – e outros – só faltávamos amarrar nossos próprios dedos aos cordões, de forma inextricável. Tínhamos um ponto em comum. Aos quinze ou dezesseis anos (pois permanecemos colegas por todo o ginásio e colegial), éramos dos poucos que trabalhávamos formalmente, no horário da tarde, quando não tínhamos aula no Estadual. Eu em uma

construtora e ele em um cartório onde um tio era tabelião. E era trabalho duro, que certamente lhe exigia muita atenção, aquela coisa de lidar com escrituras, testamentos, certidões. Apesar disso, era bom aluno (melhor do que eu) e um sujeito popular, mostrando que sua sisudez era apenas aparente, sempre disposto a uma brincadeira e dotado de notável senso de humor, às vezes um tanto cáustico, mas sempre muito divertido. Adorava botar apelidos nas pessoas e foi assim que ganhei dele uma alcunha que me acompanhou até a faculdade, mesmo que nesta época ele fosse o único a me tratar assim. Eu passei a ser o Bossa Nova e isso dizia respeito a uma frase de uma modinha de Juca Chaves, na qual o personagem JK, o Presidente Bossa Nova, não fazia outra coisa se não “voar, voar, voar”. Eu já era, na ocasião, um distraído crônico, um daqueles garotos que hoje seriam taxados como portadores de “déficit de atenção”.

Com seus vencimentos de escriturário de cartório fazia compras para si que então me pareciam exorbitantes, embora invejáveis. Por exemplo, adquiriu certa vez um jogo completo de lapiseiras Pentel (que na época eram objetos de desejo), de todos os calibres e cores correspondentes. Mais tarde foi a vez de um gravador de fita, no qual passou a ser um ouvinte musical sofisticado, indo de Mozart ao jazz. E democratizando totalmente o seu conhecimento e o seu domínio tecnológico, inusitado para nós. Colecionava também ferramentas elétricas e manuais, todas de marca excelente. E com elas fazia delicadas peças de marcenaria, como peças de xadrez, aí incluído um rolo de pastel que ele ofereceu à minha namorada às vésperas de nosso casamento, com instruções para o bom uso da peça, não exatamente na cozinha, mas na minha cabeça, caso eu andasse em falta com os deveres conjugais.

Separamo-nos no derradeiro ano do colégio. Eu fui para o Colégio Universitário da UFMG, recém inaugurado; ele resolveu não encarar a novidade, permanecendo no velho Estadual. Um ano depois, entretanto, estávamos juntos de novo, na velha Faculdade de Medicina da Avenida Alfredo Balena. Retomamos alguns hábitos do escotismo nesses anos. Acampamos algumas vezes, por exemplo, na Serra da Piedade, em pleno mês de junho, num frio de lascar. Fomos salvos parcialmente pela bondade de Frei Rosário, um dominicano que alia vivia como ermitão e que nos ofereceu uma sopa quente à noite, além de um lugar para dormirmos, pois a ventania a 1800 m de altitude não nos permitia armar a barraca. Menos mal, mas que noite aquela, num velho galinheiro abandonado, no porão da Ermida da Piedade. Abandonado apenas pelas galinhas, é bom que se diga, pois os quase invisíveis piolhos-de-galinha por lá abundavam, provocando-nos uma urticária que durou semanas a fio! Mas a aventura foi, sem dúvida, foi inesquecível, para o bem e para o mal.

Uma dessas excursões foi especial. Corria o ano de 1968 e fomos os dois amigos e mais dois colegas passar uns dias de férias no sítio da família de um destes, em Caeté. Nossos papos iam pelo dia a fora e pela

noite a dentro, variando de histórias escabrosas, em cujo conhecimento éramos mestres, até altos papos-cabeça sobre literatura e filosofia. Para 61 situar os leitores: a trilha sonora da época estava todo naquele Sgt. Pepers Lonely Hearts Club Band, dos Beatles – e seu conteúdo também nos provocava discussões intensas, seja favoráveis ou contrárias, intermináveis, embora sem muito aprofundamento, dado o parco conhecimento do idioma inglês de que dispúnhamos na ocasião. Obladi-obladá! Mas o tom mais marcante da temporada foi dado por meu amigo e eu, leitores recém adentrados nos sertões e veredas de Guimarães Rosa. Nisso fazíamos bonito frente aos outros companheiros e até os humilhávamos um pouco, pois sabíamos de cor trechos inteiros da obra. Com o tempo começaram a se encher e implicar conosco, pois passamos a conversar num “sertanês” riobaldiano quase incomprensível para os outros dois, não iniciados.

De outra feita fomos a Marataízes, ficando hospedados em uma casa de sua família lá. Caramba, ele também conhecia todas as manhas dos peixes e pela primeira vez na vida pude pescar no mar, é bem verdade que postado na praia, mas com grande proveito, levando para casa fiadas de bagres que ele, bom cozinheiro que era, preparava de diferentes maneiras.

Meu amigo quase virou meu parente, por namorar minha prima Rosângela Guerra de Andrade, filha de Virgílio, durante algum tempo. Mas talvez fosse uma daquelas coisas que não eram para dar certo mesmo. Tínhamos planos ousados, para depois de formados, quando sonhávamos comprar uma Rural Wyllis (o supra sumo off-road da época) para fazermos uma espécie de rali pela Belém-Brasília e Região Amazônica. Eram anos pós JK e de “milagre”: o Brasil estava sendo redescoberto. Isso ficou só no sonho, pois a vida acabaria por colocar distância, pelo menos física, entre nós, com o término da faculdade. Mas valeu pelos momentos de fantasia e conversas sem paradeiro que tal sonho nos proporcionava. E foi assim que formamos em medicina, já tendo escolhido caminhos diferentes para a vida profissional. Meu amigo, com seu espírito organizado e perscrutador optou pela ciência básica, tendo feito uma sólida formação em Bioquímica, na meca paulistana, USP ou Butantã, se não me engano. Virou cientista. Eu fiquei em BH mais algum tempo, 62 me casei (ele foi meu padrinho de casamento), fiz residência e fui ser médico clínico, me mudando logo para o interior.

O resumo da história é: devo tê-lo visto pela última vez logo depois de nossa formatura, em 1971 ou 1972, em escassas ocasiões. Depois nunca mais. Hoje, 45 anos depois, recebo a notícia de sua morte, ocorrida há menos de 24 horas... Tudo isso que acabo de escrever pode parecer uma memória pobre, recheada de histórias sem muito nexo ou substância, de interesse restrito a mim, que começo a perceber que o passado vai tomando conta de minha vida cada vez mais. Talvez seja isso mesmo. Mas pelo menos quero registrar aqui que me foi dada a

honra de ter conhecido, convivido e aprendido com alguém assim: Dalton Luiz Ferreira Alves. Dalton, meu amigo, você se apressou, mas espere por mim e por nós todos que lhe acompanhamos em vida!

2. PELO SERTÃO, COM ROSA

No remoto mês de maio de 1952, época de floradas e esplendor de vida no sertão, Guimarães Rosa, com 44 anos, então diplomata no exterior, mas já famoso como escritor pelo seu livro *Sagarana*, inicia uma viagem a cavalo, acompanhando uma boiada desde a região onde hoje se situa a represa de Três Marias, até Araçáí, nas proximidades de Cordisburgo, sua terra natal. Fazem companhia a ele um grupo de tropeiros da fazenda Sirga, de propriedade de um primo seu, num percurso de dez dias. Até um fotógrafo da Revista *O Cruzeiro*, muito prestigiada na época, acompanhou parte da exposição e documentou os acontecimentos.

Em carta a seu pai, na época, ele assim justificou seu périplo: “Creio que será uma excursão interessante e proveitosa, que irei fazer de cadernos abertos e lápis em punho, para anotar tudo o que possa valer, como fornecimento da cor local, pitoresco e exatidão documental, que são coisas muito importantes na literatura moderna”.

Contam os analistas que até hoje relembram o feito, que a comitiva levava três centenas de reses, em um percurso de 240 quilômetros através de pastos, estradas de chão, cafuas, veredas de buritis e cursos d'água. Aqui já surge uma dúvida, pois se recorrermos aos mapas, a distância de Três Marias a Cordisburgo não ultrapassa os 150 km. Mas não é este o tema desta minha incursão. Faz parte do folclore em torno da viagem, provavelmente verossímil, que JGR trazia sempre pendurada ao pescoço uma caderneta onde anotava tudo que via e ouvia. Estes preciosos registros fazem parte de acervo da USP e foram reunidos depois, pelo próprio autor, em dois diários, denominados de “Boiada 1” e “Boiada 2”. Sobre as cadernetas o próprio Guimarães Rosa afirmou a um jornalista: “você conhece os meus cadernos, não conhece? Quando eu saio montado num cavalo, por minha Minas Gerais, vou tomando nota de coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem voo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, em cada momento. Não há nada igual neste mundo. Não quero palavra, mas coisa, movimento, voo”. Seria o caso de perguntar o por quê de estes cadernos terem viajado para tão longe, residindo em terras paulistas e não em Cordisburgo, por exemplo, onde aliás existe um museu dedicado à obra de Rosa.

A questão que levanto aqui, mais de sessenta anos depois de tal viagem, diz respeito à possível importância da mesma na composição dos livros

que o consagraram definitivamente e capturaram, pelo mundo a fora, uma legião de leitores-adoradores, entre os quais me incluo. Entre tais obras estão, além de Sagarana e Grande Sertão – Veredas; as variadas novelas de Corpo de Baile; Tutameia; Primeiras Estórias e muitos outros textos esparsos. Sem dúvida, as obras de Rosa possuem uma infinidade de referências diretas e indiretas ao sertão mineiro, visto e revisto naqueles dez dias marcantes. Mas seriam tais referências oriundas, com tanta relevância, apenas daquela viagem de 1952? Há controvérsias...

A confusão vigente se mostra, por exemplo, quando alguns que escreveram sobre o assunto localizam na novela Uma Estória de Amor, de Corpo de Baile, uma inspiração na vida de Manuel Nardi, um dos integrantes da comitiva, que “aparece transfigurado no personagem de Manuel Jesus Rodrigues, o Manuelzão”. São semelhanças que não vão além do nome, pois existe um enorme problema cronológico no caso.

Minha impressão sobre a viagem é a seguinte. Rosa viveu uma parte de sua vida em Cordisburgo, então uma estaçãozinha da EFCB, verdadeiro portal do Norte de Minas. Ali, as “Minas” se transmutavam em “Gerais”. Com o trem de ferro, certamente o Sertão batia à porta da cidade ou nela se instalava. Aliás, talvez fizesse parte de tudo que rodeava a vida que se levava ali, sendo eles próprios, os cordisburguenses, sertanejos legítimos, embora fazendo parte, geograficamente, da região central do estado, a pouco mais de 100 km de Belo Horizonte, onde tinham sede Governo, Justiça e Lei... O menino Rosa passou sua infância junto ao balcão de pequeno armazém que Florduardo Pinto Rosa, seu pai, mantinha. É fácil imaginar o enorme aporte de informações que um balcão de armazém no interior oferece, em um tempo que não vigorava a impessoalidade dos supermercados. Ali se vendiam secos, molhados, botinas, chapéus, querosene, fumo de rolo, cachaça e tanta coisa mais. O balcão era o sítio privilegiado de demoradas prosas, em que a política, as novidades de fora, os nascimentos, mortes e casamentos eram trazidos e comentados. Para o menino míope, que talvez não tivesse muita afinidade com o universo desafiador de seus companheiros machinhos, o mundo era aquele balcão. Isso para não falar das influências que lhe trouxe a família de classe média, mas na qual havia parentes letrados e viajados, particularmente Vicente Guimarães, o vovô Felício, seu tio apenas dois anos mais velho, um dos precursores da literatura infantil no Brasil.

Assim, penso que se deve dar mais crédito e relevo à imaginação criadora de Guimarães Rosa, além de suas fortes influências culturais e familiares. Isso certamente vale muito mais do que os efeitos de uma simples viagem de dez dias, por mais marcante que ela tenha sido. A literatura de JGR é muito especial. Nela, os registros de sua viagem pelo sertão certamente são importantes, mas sozinhos certamente não poderiam fornecer elementos para a construção de uma obra que reflete profundamente temas relativos ao bem e ao mal; às forças que regem o

comportamento humano; ao modo de ser sertanejo; à humanidade, enfim. Da Sirga a Araçai, em 1952, ocorreu uma grande aventura, sem dúvida. Mas os livros de JGR constituem aventura mais ampla, falam muito mais do que isso.

3. O VERDADEIRO MANUELZÃO

O cidadão Manuel Nardi Filho foi, por assim dizer, descoberto por docentes e pesquisadores da UFMG nos anos 90. Ele foi objeto até de uma tese acadêmica e se tornou patrono de um amplo projeto de preservação ambiental focado na bacia do Rio das Velhas – o Projeto Manuelzão. Sua notoriedade derivou basicamente do fato de ele ter conhecido pessoalmente o escritor Guimarães Rosa e ter participado, como vaqueiro, da famosa viagem que o mesmo realizou pelos sertões de Minas no início dos anos 50. Os testemunhos de seus descobridores e dão como um homem de porte avantajado, espadaúdo, muito sagaz, bom prosector, possível defensor da natureza e, acima de tudo, experiente nas coisas do mundo sertanejo. A partir de então, já com mais de 90 anos, ele passou a ser reverenciado no ambiente acadêmico da UFMG, principalmente entre ambientalistas e sanitaristas. Merecida homenagem, sem dúvida.

Entretanto, alguns confundem as coisas, talvez por desconhecerem alguns detalhes cronológicos. Ou quem sabe, mesmo com a melhor das intenções, pretender transformar Manuelzão em algo que ele não foi de verdade... Vamos aos fatos. O nome de Manuelzão, Manuel Jesus Rodrigues, ou Manuelzão J. Roiz, a grafia de preferência do personagem, aparece no conto (ou novela) “Uma estória de amor”, que tem como subtítulo “A festa de Manuelzão”. No enredo, o dito cujo, já idoso, com mais de 60 anos – não nos esqueçamos que isso correspondia, na ocasião, a uma idade acima da expectativa de vida no Brasil – resolve organizar uma grande festa de despedida para comemorar sua aposentadoria como vaqueiro.

Amigos, ex patrões, fazendeiros, roceiros, artistas e muito mais gente de toda uma vasta redondeza são convidados. Uma capelinha é inaugurada; reza-se missa com padre vindo de fora. Muitos músicos animam a festa, contadores de histórias também comparecem. Foguetório. Comilança. Manuelzão pensou em tudo! Tudo acontece em dois ou três dias, na Samarra, um lugar imprecisamente localizado pelo autor “entre o Rio e a Serra-dos-Gerais”. “Rio”, assim com “R” maiúsculo só pode ser o São Francisco. A possível proximidade com a tal serra, também conhecida como do Espinhaço, que corta Minas Gerais do centro até o extremo norte, define que tal lugar deve ficar entre Três Marias e Cordisburgo, paragens que se situam ao longo da atual estrada que liga Brasília a Belo Horizonte. Aliás, o Manuelzão de que falamos acima passou parte de sua vida nesta região, mais

precisamente na pequena cidade de Andrequicé, que fica a mais ou menos 20 quilômetros a leste de Três Marias.

O especial momento vivido pelo personagem é assim descrito: “Manuelzão, em toda sua vida, nunca havia parado, não tinha descansado os gênios, seguira um movimento só. Agora, ei, esperava alguma coisa”. 90 “A festa de Manuelzão” aparece em livro, intitulado inicialmente “Corpo de Baile”, contendo sete estórias, depois desmembrado pelo próprio autor em três diferentes tomos. O primeiro desses volumes recebeu justamente o nome de “Manuelzão e Miguilim”, referência aos personagens principais das duas novelas que o compõem, notáveis figuras humanas: um garoto de no máximo dez anos e o sexagenário Manuel.

Tal obra foi lançada em 1954, é importante frisar. Pois bem... O Manuelzão que Guimarães Rosa conheceu como vaqueiro, no famoso traslado de uma boiada de Cordisburgo a Araçáí, na região da atual Três Marias – viagem acontecida dois ou três anos antes do lançamento do livro – era um homem bem mais jovem, nascido que fora em 1904. Estava na faixa dos quarenta anos, portanto. Certamente que o sonoro nome no aumentativo – Manuelzão – pode ter influenciado o escritor ao nomear o velho vaqueiro que se aposentava, mas também, com toda certeza, era outra a idade do daquele vaqueiro Manuel que ele havia conhecido pouco tempo antes. Assim, o Manuelzão que o pessoal da UFMG tanto celebrou, por maiores que fossem suas virtudes, não pode ser, portanto, o mesmo homem que dá nome ao conto, como alguns insistem em acreditar ou repetir...

Mas minha digressão vai um pouco mais adiante. Há outra novela de “O Corpo de Baile”, intitulada “O recado do Morro”, no qual um grupo de peões realiza um périplo entre várias fazendas e lugarejos, acompanhando pessoas que vieram de fora, um estrangeiro, possivelmente alemão e naturalista, chamado Seu Alquiste, um sacerdote (Frei Sinfrão) e mais um outro, não totalmente forasteiro, Jujuca do Açude, “fazendeiro de gado”. Um desses camaradas se destaca, pela sua liderança, pelo seu porte físico, pela sua inteligência e boa conversa. Sua idade não é precisada, mas se trata, com certeza, de um homem jovem. O nome de tal sujeito é Pedro Orósio, “também acudindo por Pedro Chábergo ou Pê-Boi”, guia da comitiva. Assim ele nos é apresentado: “moço, a nuca bem feita, graúda membradura, e marcadamente erguido: nem lhe faltavam cinco centímetros para ter um talhe de gigante, capaz de cravar de engolpe em qualquer terreno uma acha de aroeira, de estalar a quatro em cruz os ossos da cabeça de um marruás...”.

E mais adiante: “... preferisse mesmo viajar a pé, ou talvez, culpa de seu tamanho, nem acharia cavalgadura que lhe assentasse”. Nessa viagem pelo sertão, de muitas léguas, entre a velha Pirapora e a Cordisburgo mítica de Rosa, aos poucos se percebe que há uma

conspiração por parte dos companheiros de Pedrão, ao ponto de prepararem uma cilada para matá-lo, pois sendo o mesmo tão garboso e envolvente, era também um sabido sedutor, seja de mulheres casadas ou solteiras. A comitiva passa por sete fazendas e, à medida que avança pelo sertão, toma conhecimento de uma espécie de “recado”, supostamente proferido por um monte, no caso o Morro da Garça, que realmente existe entre Corinto e Três Marias, dizendo que Pedro Orósio estava ameaçado. E ele acaba por descobrir qual era tal segredo, livrando-se de um mal maior, o que justifica o nome da novela: “O Recado do Morro”.

O resto os leitores encontrarão lendo diretamente o texto em pauta... Resumo da ópera: para mim, o Manuelzão homenageado pela UFMG e que dá nome ao grande projeto do Rio das Velhas e que viveu e morreu em Andrequicé, descoberto tantos anos depois, é encarnado, de fato, por Pedrão Châbergo. Já o ancião, personagem de tão linda “Estória de Amor”, seria puramente fruto da imaginação de Guimarães Rosa ou mesmo, quem sabe, de alguma outra pessoa que ele tenha conhecido em sua infância em Cordisburgo, ou a soma de várias pessoas, como é comum, aliás, que aconteça na literatura.

4. GENTE NOTÁVEL

Em uma obra tão despretensiosa como notável, “Livro Aberto”, que li há alguns anos atrás, Fernando Sabino fala de uma reunião ocorrida em certo restaurante da orla carioca, não sei se no Flamengo ou em Copacabana. Iam anos 50 em seus meados e raiavam grandes tensões, mas também luzidas esperanças, no horizonte do Brasil. Naquela mesa de bar estavam, simplesmente, adivinhem quem? Além do próprio Sabino, Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jayme Ovalle, Oto Lara Rezende e Paulo Mendes Campos. É pouco? É que ainda não falei do personagem central, em torno do qual toda essa turma estava reunida: Pablo Neruda... Já basta, não é?

Mais ou menos na mesma época, li outro livro marcante, o memorialístico “Viver para Contar”, do igualmente notável Gabriel García Márquez. Neste, ele exercita sua costumeira arte de capturar irremediavelmente o leitor logo nas primeiras páginas. Devo dizer, aliás, que a mim ele capturou logo na primeira, ao narrar seu reencontro com a mãe, que viera a Bogotá à sua procura, após ter saído de casa, pouco mais que um adolescente. Mas isso é outra história e não é apenas ela que une, para mim, Sabino e Márquez. Já explico. Recordando e contando o que viveu, Gabo fala de sua vida de estudante na agitada Bogotá dos anos 40 e 50, com multidões na rua por da cá aquela palha e milicos golpistas sempre à espreita – creio que, pelo menos, não existia ainda o narcotráfico, seja em sua face cartelista ou guerrilheira.

Uma das lembranças contadas, daquela época, foram os colegas que com ele conviveram em um colégio público da capital colombiana: nada mais que dois ou três que chegaram a Presidente da República, outros tantos que se destacaram no jornalismo, na literatura e em outras artes. E, de quebra, um Prêmio Nobel...

Fato parecido é a coexistência, dentro dos mesmos muros da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, nos últimos anos da década de 20, de ninguém menos que Juscelino Kubitschek, Pedro Nava e João Guimarães Rosa. Quem sabe tomaram algumas boas cervejas em torno de uma mesa de bar na Avenida Mangabeiras, hoje Alfredo Balena? Bom tema para historiadores ou romancistas... Tanta gente especial reunida, na mesma época, na mesma escola e até numa simples mesa de bar...

Coisas assim me fazem pensar se isso ainda seria possível nos dias atuais. Não sei se meus leitores concordariam, mas tenho, para mim, que fatos deste tipo só podem ter acontecido em tempos e lugares hoje perdidos e remotos. Somos tantos hoje, espalhados por tantas paragens, com interesses tão diversos e de significado que mal ultrapassam as nossas fronteiras individuais, que só nos cabe compartilhar nossas irrelevâncias. Só mesmo através das famigeradas redes sociais é que podemos descobrir as presenças de gente que estudou com a gente, que um dia esteve conosco na mesma festa ou que participou daquela excursão a alguma praia, da qual nem nos lembramos mais. E ainda aparecem aqueles que nos chamam de “amigo” e em torno dos quais somos convidados a eventos festivos, só por terem o mesmo sobrenome nosso (até “Silva” vale...)... Fico com o sentimento de Chico Buarque, na Roda Viva: a gente estancou de repente ou foi o mundo então que cresceu?

De qualquer forma, coisas assim não devem ser algo sobrenatural, ou derivado das mudanças do eixo ou da expansão do campo magnético da terra. Talvez sejam apenas uma relíquia pequeno-burguesa, de um tempo que um grupo afluente – de bem poucos indivíduos, na verdade – frequentava as mesmas escolas, os mesmos bares.

Com foco nisso, me pus a pensar sobre os famosos com quem tive a honra de compartilhar bancos escolares e botecos. Eita, aí fiquei “estancado” mesmo... Lembrei-me, por exemplo, de um que virou político, mas que cujo feito mais notável foi o de ter inventado o mensalão, muito antes dos que levaram a culpa toda. Outra, era filha do Governador de Minas, naquela boa época em que a elite e a classe média freqüentavam a mesma escola. Mas, pelo que ouvi dizer, casou-se com o filho de um Presidente da República – e não sei o que mais tenha feito de notável. O outro matou a mulher numa crise de ciúmes, um crime que horripilou a BH dos anos setenta. Nem cadeia pegou... Esqueçamo-lo. O outro virou artesão de calçados, ficou famoso no bairro em que morava, depois em toda a cidade e até no país; depois

simplesmente sumiu. Mais irrelevante, impossível. Teve um que virou cineasta, mas, sinceramente nunca vi um filme seu e desconheço qualquer um que tenha assistido.

Minhas buscas se encerrariam por aí e eu me recolheria à minha notável irrelevância, quando algo se anunciou, abruptamente. Na derradeira campanha eleitoral para Presidente da República, a candidata que hoje dirige os destinos da Nação (estamos em 2013), divulgou em seu currículo o fato de ter estudado em escola pública, em Belo Horizonte, nos anos 60, mais exatamente no Colégio Estadual de Minas Gerais (o antigo “Central”, hoje Milton Campos). Como Dilma e eu temos a mesma idade e eu também estudei ali na mesma época, concluí que tive ao meu lado, nos meus bancos escolares, uma personalidade de naipe exclusivo. O detalhe é que, juro, eu realmente não me lembro dela. Como disse um amigo meu; “deixa de ser fiel à pura verdade e espalhe por aí que foram amigos, que tiveram até um namorico, ninguém vai contestar”. Qual nada...

De certa forma, vamos admitir, foi ela quem me trouxe à cena principal, ao publicar sua biografia escolar. Não fui eu quem o fiz, portanto... Assim é que fiquei quites com Fernando Sabino e Gabo Márquez, passando também a tomar parte de tal seleto clube de notáveis...

5. QUANDO EU CRESCER, QUERO SER FERNANDO SABINO

Dizia ele: “no final tudo vai dar certo; se não der, é porque não chegou o final”. A vida deu certo para Fernando Sabino, que nos deixou há dez anos. Como romancista, cronista, cineasta, amante da vida e das mulheres e, principalmente, amigo de verdade de muita gente boa, ele foi inigualável. E o final parece que não vai chegar nunca para este mineiro excepcional, pois continua lembrado por muita gente, com carinho e admiração – como é o meu caso. Fui apenas seu leitor, é pena, pois queria ter sido seu amigo. Mais: queria ter conseguido ser ele próprio, como no famoso filme sobre John Malkovich. Distâncias de idade e de geografia nos separaram, entretanto.

Mas tenho pelo menos duas histórias dele para contar, ocorridas, modéstia a parte, com a minha presença no cenário. Belo Horizonte, anos 60 em seu início. Jânio Quadros, o breve, na Presidência da República. Cuba, a ilha, marcando presença na imprensa diária, com a famosa crise dos mísseis. Grandes depósitos de bombas “H” felizmente nunca detonadas. Sabino participa de uma noite de autógrafos em BH. Eu, adolescente, estudante do Colégio Estadual, já era seu fã apaixonado, como tantos de minha geração, por certo “Encontro Marcado”, mas não tinha dinheiro para comprar o livro que era lançado na ocasião. Mas fui lá assim mesmo, para ver o meu ídolo. De última hora, muni-me de um exemplar de um livro da Editora do Autor (da

qual FS era sócio), escrito por Jean Paul Sarte, intitulado “Furacão sobre Cuba”. Nele havia um pré (ou pós?)fácio de Sabino. Achei que era o bastante para descolar um autografo também. E lá fui com alguns colegas de colégio e de simpatia por Cuba e por FS. Parêntese: neste “Furacão sobre Cuba”, em que a revolução castrista recebeu de Sartre elogios rasgados, Sabino, em seu pequeno texto, sem deixar de lado os encômios, naturais e quase obrigatórios àquela ocasião, coloca seu pezinho atrás em relação ao futuro do movimento, temendo pela sua transformação em descarada ditadura, conforme exemplos já na época conhecidos. Estábamos, afinal, no auge da “Cortina de Ferro”.

Como dizia, fui lá assim mesmo, munido apenas de algumas poucas páginas de Sabino, em busca de um autógrafo. Logo que entrei na fila e, quando já chegava ao altar, melhor à mesa onde o escritor de meus sonhos se esfalfava em dedicatórias, fui devidamente – e sem muita cerimônia – barrado por um daqueles homens de preto, também conhecidos na época como “Leões de Chácara”, presente no local para cuidar da ordem. E tal sujeito quis me fazer ver, com aquela empáfia característica da espécie, que meu lugar não era ali, pois o livro que eu portava “não era de Fernando Sabino”. No meu ardor juvenil, contestei, resisti, o que fez o leão se enfurecer e tentar me empurrar para fora da fila.

O Leão quase ia conseguindo me expulsar, mas fui salvo, de última hora pelo próprio Sabino, que mesmo diante da balbúrdia do salão e dos metros que nos separavam, percebeu o acontecido e me distinguiu com palavras que me marcaram para sempre: “deixa o rapaz falar comigo, o livro também é meu”. Foi assim que consegui cinco minutos de papo e um autógrafo carinhoso, que ficou gravado em mim como uma tatuagem, por anos – até que Cuba perdeu o encanto e em uma de minhas muitas mudanças de casa e de cidade, “Furacão sobre Cuba” foi-se com o vento...

Um salto no tempo e estamos no final dos anos 80. Vou de férias ao Rio com meus filhos, alugo um apartamento na zona de fronteira entre Ipanema e Copacabana, para perfeito simbolismo pertinho da residência de Drummond, já falecido na ocasião. Certa manhã, saio para comprar pão e frutas em um supermercado próximo e logo ali, na Rainha Elizabeth com Bulhões de Carvalho, quem vejo no boteco da esquina, tomando um cafezinho e saboreando uma fatia de pão quente com manteiga, de pé, cotovelo no balcão, bem ao estilo carioca? Ninguém mais do que ele, o meu ídolo da juventude! Imediatamente quis me aproximar, mas um pouco de timidez e o fato de estar o mesmo num bate papo animado com o rapaz que lhe servia naquela hora, me fizeram recuar. Pensei: “deixa que eu pego ele na volta...”. Malgrado meu, na volta a média com pão e manteiga já tinha sido sorvida e Sabino não estava mais ali. Que frustração...

Bem, eu falei que tinha duas histórias de Sabino para contar, mas devo corrigir: tinha uma história com ele e eu e outra, sinceramente, nem tanto... Depois, nunca mais, a não ser pelo contato próximo com o autor, tanta coisa eu lia de FS, mais a releitura sucessiva de “O Encontro Marcado”, livro que me marcou e que continua me marcando pela vida a fora. No momento, leio pela primeira vez as cartas trocadas entre Sabino e Clarice Lispector. E me maravilho e penso: que canja a vida dá ao possibilitar que duas pessoas desse porte, dessa inteligência e sensibilidade tenham sido contemporâneas e mais, amigos fraternos, almas gêmeas como dificilmente se vê. E que tenham deixado para a posteridade testemunhos como esses que ora leio. Será que se amavam secretamente? Ou eram apenas pessoas predestinadas a algo que não faz parte do cotidiano dos demais mortais?

Para encerrar, outra frase cheia de espírito, daquelas que só FS era capaz de produzir, esta sugerindo um epitáfio para si: “aqui jaz Fernando Sabino, que nasceu homem e morreu menino”. E copio, também, uma das despedidas epistolares, de Fernando para Clarice: “E me apresso em colocar o ponto final, com um abraço de saudade”.

6. A INTERNET ANTECIPADA

Os Estados Unidos tiveram, pela primeira vez em sua história, um presidente negro, com direito a um segundo mandato. Apesar de já decorridos alguns anos, isso ainda tem sabor de grande novidade, principalmente dado ao que veio depois... Curiosamente, entretanto, um escritor brasileiro fez tal previsão, há mais de 80 anos. Em 1926, precisamente. Naquele ano Monteiro Lobato lançou um romance – o único de sua carreira de escritor – de verdadeira ficção científica (e futurista), com título por si só sugestivo: *O Presidente Negro*, com um subtítulo: romance americano de 2228.

Tal livro já começa inovando, contando histórias que se encaixam umas nas outras, à maneira das matriochkas russas. O narrador, Ayrton Lobo, pequeno empregado do comércio que pensa valer mais do que na realidade consegue ser, sofre um acidente de estrada, é recolhido a uma mansão rural, ali conhece um cientista, Benson, e sua filha Jane (por quem se apaixona, aliás), toma contato com uma máquina de observar o futuro, o porviroscópio, formidável aparelho inventado por Benson, capaz de produzir tempo artificial, e assim segue a história... A família Benson, temerosa de que o porviroscópio pudesse favorecer espíritos desonestos, uma vez posto à inteira disposição da humanidade, vive recolhida no anonimato em sua propriedade rural, situada em Nova Friburgo (RJ), onde se dedica a fazer perscrutições, ou como Jane prefere dizer, cortes anatômicos, no futuro.

Em um destes cortes surgem revelações espantosas, por exemplo, sobre a futura invenção da rádio comunicação, que permitirá às pessoas trabalhar em casa, ler seus jornais sem precisar ir à banca da esquina, fazer compras igualmente sentados em suas cadeiras. Nesta nova era, o serviço, o teatro, a música é que passarão vir ao encontro dos usuários, com espantosa transformação das condições do mundo. Lobato, verdadeiro iluminista que era e, como tal, sempre otimista com relação ao futuro da humanidade, talvez exagere um pouco ao prever que a rádio comunicação possibilitaria a volta do andar a pé, tornando desnecessário o uso de veículos, pois a roda, “a maior invenção mecânica do homem e hoje domina soberana, terá seu fim”. Só faltou dizer que junto com o fim dos engarrafamentos, adviria uma era em que a felicidade humana finalmente se tornaria não só possível como permanente. Mas não deixou de prever acertadamente a verdadeira compulsão da caminhada, não exatamente como libertação, sim como exercício, vigente hoje em toda parte, principalmente nas grandes cidades.

E a viagem continua... Além da rádio comunicação, seriam inventados também o rádio transporte e a rádio sensação, criando assim uma nova etapa na trajetória do homem, menos maravilhosa do que desnorteante para as nossas ideias atuais, com as coisas tomando às vezes rumo muito diverso do que a lógica, com ponto de partida no estado atual, nos faria prever. Existiria melhor descrição para os pressupostos do que já conhecido hoje como realidade virtual?

E vejam que primor as consequências do rádio transporte para as tarefas do jornalismo e da escrita em geral: “pelo sistema atual, o colaborador ou escreve em casa o seu tópico ou vai escrevê-la na redação; depois de escrito, passa-o no compositor; este o compõe e passa-o ao formista, este o enforma e passa-o ao tirador de provas; este tira as provas e manda-o ao revisor; este o revê e envia-o ao corretor; este faz as emendas e... a coisa não acaba mais. Porém, com o auxílio da nova tecnologia, toda esta complicação desapareceu. Cada colaborador radiava de sua casa, numa certa hora, o seu artigo, e imediatamente suas ideias surgiam impressas em caracteres luminosos na casa dos assinantes”.

Um só ponto de exclamação é certamente muito pouco para homenagear um gênio como o de Lobato, que viu tudo isso há mais de 90 anos!!! É uma verdadeira reforma, se não da natureza, pelo menos da história. Lobato ainda vai além, em sua talentosa brincadeira: imagina a instituição das férias conjugais, para resolver de vez o problema dos casamentos mal sucedidos; a criação da cidade de Erópolis, destinada a práticas hedonistas, além do teatro onírico, no qual os sonhos das pessoas seriam transformados, graças às novas tecnologias, em imagens.

Nem tudo é perfeito, entretanto: sintonizado com as ideias dominantes em sua época, enxerga e defende o conserto das mazelas do mundo por práticas de eugenia. Mas disso, certamente, já foi perdoado. Ah, sim, falávamos de um Presidente Negro nos Estados Unidos... Jim Roy, "um negro de gênio, uma figura atlética de senegalês", supera todas as barreiras e se lança candidato a presidente em 2228. Após lutas renhidas com adversários internos e externos ao seu partido, vence a batalha. E a América finalmente cede ao poder de um diferente! Mas ele em pouco tempo irá perceber que tinha caído, na verdade, em uma armadilha, de fundo eugênico, preparada habilidosamente, pela maioria branca conservadora e intransigente, que tinha apenas entregue alguns anéis, porém sem perder qualquer dedo.

O mais os leitores saberão com mais detalhes se lerem *O Presidente Negro*, que está sendo relançado agora, assim como toda a obra de interesse adulto deste escritor brasileiro realmente imortal e sempre atual que é Monteiro Lobato. Monteiro Lobato foi um gênio em várias dimensões. Neste momento em que se completam 60 anos de sua morte, vai aqui esta homenagem ao inventor da literatura infantil brasileira, ao polemista infatigável, ao visionário, ao homem que sempre remou contra a corrente, ao empresário cujo capital principal era o idealismo, à alma gêmea de Emilia. Sobre o Presidente Negro a pergunta que fica é: foi profecia e imaginação? Ou não seria, de fato, uma antecipação?

7. DE PAPOS E PAPUDOS

João Guimarães Rosa é autor que oferece inúmeras possibilidades de leitura. Até em matéria de doenças, médico que era. Em *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, existe todo um cortejo de entisicados, mofinos, leprosos, cegos e raquíticos, além de lunáticos. Um conto de *Sagarana*, que aqui comento, traz uma interessante saga sertaneja, na qual a doença e a vingança da honra se misturam. O personagem central é Turíbio Todo, "nascido à beira do Borrachudo e seleiro de profissão". No começo desta história, avverte o autor, ele estava com a razão, pois encontrara a esposa, Dona Silvana, "que tinha grandes olhos bonitos, de cabra tonta", no maior dos romances com o cidadão Cassiano Nunes, militar reformado, mas suficientemente destro em artes bélicas para infundir respeito e temor ao marido traído. Turíbio, em ímpeto vingativo, acaba por matar à socapa, mas por engano, o irmão de Cassiano.

Aí começa a história, muito apropriadamente denominada de *Duelo*. Mas a parte que nos interessa agora é outra. Turíbio, além de seleiro, marido traído, sujeito vingativo e meio dado a vagabundagens era também papudo. Portador de um papo pequeno e discreto é bem verdade, mas cuja existência seria impossível negar. Sua descrição é

um primor de observação clínica: “bilobado e pouco móvel – para cima, para baixo, para os lados – e não o escandaloso papo de bola, quando anda, pede esmola”. JGR ainda acrescenta: “ninguém nasce papudo ou arranja papo por gosto”, e vai recorrer ao conhecimento vigente na época (década de 30), hoje superado, para justificá-lo como o resultado das “tentativas que o grande percevejo do mato faz para se tornar um animal doméstico nas cafuas de beira-rio, onde há também cúmplices, camaradas do barbeiro, cinco espécies, mais ou menos, de tatus”.

E prossegue, falando de tal personagem, neste momento do conto mais importante do que seu próprio portador: ... “e tão modesto papúsculo, incapaz de tentar o bisturi de um operador, não enfeava seu proprietário; antes o fazia até simpático: forçado a usar colarinho e gravata, às vezes parecia mesmo elegante”. O papo de Turíbio Todo volta à cena em outros momentos do conto, agora dominado por uma frenética perseguição ao longo dos sertões de Minas, digna de um filme de Peckinpah. Cassiano, o desafeto do seleiro papudo, este sim, vai se revelar vítima autêntica do grande percevejo do mato, ao falecer em estado de congestão cardíaca, em pleno péríodo de perseguição ao papudo. Mas nem por isso deixa de consumar a vingança pela morte do irmão...

Para quem já conhece a história, seria supérfluo repeti-la. Para quem não a leu, é uma boa oportunidade de incentivar a tomada de contato com este monumento da literatura brasileira e universal que é Sagarana. Para encerrar: onde foram parar os papudos destes brasis? Lembro-me bem da minha infância em Belo Horizonte, quando levas de papudos se reuniam nas escadarias das igrejas para esmolar. Que tempos aqueles, da exigência de carteirinha do INPS e da assistência pública, quando um mero bôcio empurrava as pessoas à mendicância e à caridade da população! E ainda há quem deles tenha saudades... Neste assunto, aliás, nós sanitaristas temos do que nos gabar: os papos foram banidos e ficaram fora de moda neste país por força de medidas de pura saúde pública e não, pelo menos desta vez, pela obra e pela graça de cirurgiões ou de endocrinologistas... Neste duelo fomos nós os vencedores: viva nós e viva a adição de iodeto ao sal de cozinha, medida que tem a genialidade das coisas obviamente simples!

8. CINQUENTA ANOS EM CINCO MINUTOS

Um dia desses, por algum motivo (que não sei qual é, mas é algo que me vem à mente com muita frequência ultimamente), comecei a me lembrar de uma fase da minha vida em que as coisas aconteciam com velocidade e intensidade incríveis.

Lembrei-me, por exemplo, daquela Copa do Mundo perdida na Inglaterra, coisa que no Brasil ninguém achava possível acontecer, pois

afinal de contas nos considerávamos invencíveis, depois de dois campeonatos mundiais sucessivos.

Foi também o momento que decidi deixar de lado uma vida de descuido como estudante mediocre que era, para mergulhar a sério no desafio do vestibular – que acabou me sorrindo ao final, como uma sorte grande.

E me despedi da esbórnia da maneira mais adequada: num carnaval de clube, entre louras & morenas, tendo como hino absoluto aquele *vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é carnaval*, recomendação esta que procurei levar a sério.

Consegui arranjar minha primeira namorada, que era bem bonitinha, um pouco mais nova e muito mais baixa do que eu. Para ela cantei em serenatas memoráveis o grande hit da ocasião: *se você quer ser minha namorada*, de Vinicius e Lira, canção que simplesmente dizia tudo o que um jovem romântico poderia querer dizer para sua amada. Pena que durou pouco...

Eu, que ainda não amava os Beatles e nem conhecia os Rolling Stones mudei completamente de ideia quando fui apresentado ao disco que estourava nas paradas de sucesso daquele momento: *Revolver*. E troquei aquele “minha namorada”, que já estava ficando batido, por *here, there and everywhere (forever...)*.

Para meu desapontamento, entretanto, pude saber que os caras de Liverpool haviam decidido fazer, justo naquele momento, sua despedida das turnês. E embalado por aquele *será que um dia eles vêm aqui, cantar as canções que a gente quer ouvir*, de meu colega de Colégio Estadual, Tavito, eu, no fundo, esperava um dia poder assisti-los pessoalmente. O show de Paul McCartney que assisti muitos anos depois, em companhia de meia dúzia de adolescentes, entre filhos, sobrinhos e enteados, já terá valido alguma coisa na realização deste sonho.

Da política eu já sabia alguma coisa, por exemplo, que estávamos começando a viver um pesadelo com os militares no poder. Mas naquele ano, qualquer ilusão de volta à normalidade democrática se desfez, quando um general de plantão escolheu outro para substituí-lo, o que fez surgir a expressão popular de que havia, agora, no cenário nacional, um *príncipe herdeiro*. E não lhe faltaram votos na eleição fajuta que se fez logo depois, quase trezentos, em um Congresso manietado (alguns de muito bom grado, aliás).

Assim, viajando em tais recordações, resolvi fazer uma pesquisa na internet para ver o que mais tinha acontecida na mesma ocasião. Ah, o *Google*, não sei como posso ter vivido mais de 40 anos de minha vida sem conhecê-lo...

Já que estou meio musical hoje, esta é um primeiro tema que a pesquisa me trouxe. Aquele ano foi todo pontilhado por lançamentos de *long plays* e *singles* que mudaram o rumo do rock e do pop, para sempre. Beatles, Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Rolling Stones, Bob Dylan, Beach Boys, Joan Baez, Neil Young, Leonard Cohen, Tom Jones (!), Mammas and the Pappas, além de muitos outros, eram arroz de festa na ocasião. Isso para falar apenas dos principais. Acho que tanta gente boa e duradoura jamais esteve reunida em um só momento antes. Ano glorioso na música, aquele.

Gente que já era “grande” manteve a posição por muitos anos, como Frank Sinatra, Ray Charles, Aretha Franklin, Orson Welles, Nina Simone, Elizabeth Taylor, Audrey Hepburn, Barbara Streisand, Tony Bennet, Arthur Miller, Ernest Hemingway, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Ellis Regina, Jair Rodrigues, entre outros.

Na política internacional a situação não augurava coisa boa. A Guerra Fria estava no auge e a cada mês explodiam artefatos atômicos, da Sibéria a Utah; dos desertos centrais da Ásia aos atóis do Pacífico. E o clube se ampliava, com a entrada da França, do Reino Unido e até da China. No Vietnã choviam bombas e napalm, sem nenhuma esperança que aquilo fosse se resolver logo.

Ah, o Vietnã... E pensar que aquele era um cenário quase “romântico” de guerra, em estilo “clássico”, perto do que acontece hoje na Síria, no Iraque, em Gaza, no Afeganistão... Aqueles garotos que como eu etc.

A Guerra Fria se estendia também para o espaço sideral, com os primeiros voos de contorno da Lua e da própria Terra, ainda não tripulados, ou então tripulados por pobres cães e macacos. Alguns dizem – e não deve ser só teoria conspiratória – que os primeiros tripulantes humanos, na verdade, foram e não voltaram. Uma parte das peripécias de então tinha por objetivo somente fazer os artefatos espaciais se esborracharem no pedregoso solo lunar – e já era um sucesso.

Mas em compensação o movimento de direitos civis pipocava nos EUA e em toda parte, tendo como liderança ninguém menos que Martin Luther King. As grandes marchas civis haviam apenas começado e já tomavam conta do *mall* de Washington e de muitos outros espaços públicos.

Entrementes, na África do Sul a política de *apartheid* apertava suas garras, enquanto por aqui ninguém sabia quem era Nelson Mandela. Mas, apesar disso, o primeiro transplante de coração foi realizado neste país. Ainda na África, uma após outra, as colônias britânicas, belgas e francesas foram se transformando em países autônomos – ou nem tanto – persistindo dúvidas, até hoje, se assim lograram melhorar as condições de vida de sua população.

Terremotos, tornados, enchentes, erupções vulcânicas, incêndios aconteceram em todo o mundo, não sei se com frequência menor ou maior do que ocorrem hoje. E fiquei impressionado, também, com a quantidade de aviões que caiu, nos cinco continentes, matando milhares de pessoas. Nisso, os avanços tecnológicos relativos às máquinas que voam devem ter sido aprimorados.

Estava lendo e divagando sobre tais coisas quando me dei conta de algo terrível. Tudo isso aconteceu em 1966, ou seja, há exatos cinquenta anos. E, no entanto, parece que foi outro dia mesmo. Oh céus! O que é isso? – eu me pergunto. Eu, na ocasião com esfuziantes 18 anos de idade, dispunha de uma fartura de minutos, horas, dias, meses e anos pela frente. Agora eles me parecem tão escassos...

Esta, de fato, é a pior das notícias que eu poderia ter lido. A de que a vida passa muito rápido. Melhor então não perder tempo com coisas supérfluas. Como pesquisas vãs no *Google*, por exemplo...

9. UM BARÃO ALEMÃO E O CAPITÃO DE ELDORADO PAULISTA

Karl Friedrich Hieronymus, autor (ou precursor) das famosas histórias do Barão de Munchausen nasceu em 1720, em Bodenwerder, no que é hoje a Alemanha. Ele fez carreira militar e depois de se retirar, passou o resto da vida em sua aldeia, onde não perdia uma oportunidade de seduzir os camponeses e outros vizinhos seus com a narrativa de suas façanhas, sempre com muito exagero, mas sem perder a naturalidade. Contudo, nem todas as histórias reunidas no livro sobre o tal barão foram contadas na vida real por Karl Friedrich, eis que um amigo seu, Rudolf Raspe não só reproduziu como criou novas anedotas que atribuiu ao Barão.

Aliás, na verdade este é um tema comum na literatura de diversas origens, haja vista, por exemplo, o personagem Alexandre (*e outros heróis*), de Graciliano Ramos, mais tarde incorporado por Chico Anysio como Pantaleão, aquele do clássico bordão “é mentira, Terta?”, com suas histórias mirabolantes, curiosamente desmentidas por um “bobo” (aparentemente), Pedro Bó (na novela de Graciliano por um cego, Firmino), que assim se revelavam mais espertos do que os demais basbaques reunidos em torno do mentiroso. E Alexandre não perdia oportunidade de desqualificar seu detrator: *cala a boca, você não é cego?*

Mesmo na cidade onde morei por 15 anos, Uberlândia, havia um personagem assim, conhecido como Dr. Laerte, médico e fazendeiro rico, um barão a seu modo, que passou a vida encantando os roceiros, amigos e mais quem se aproximasse com histórias igualmente

saborosas e inofensivas. Mas o que o capitão de Eldorado está fazendo aqui, em tão nobres companhias? Deixa que eu explico...

Algumas histórias do Barão: ele cavalgou durante uma batalha em um cavalo cortado ao meio; foi lançado contra uma cidade sitiada montado em uma bala de canhão; passeou pela lua; tirou a si próprio e a seu cavalo de um pântano puxando-se pelos cabelos; certa noite amarrou seu cavalo em uma cruz à beira do caminho, tomado pela neve, e na manhã seguinte, quando a mesma derreteu, percebeu que o que prendia o animal era a cruz que encimava a torre de uma igreja, com o pobre cavalo amarrado lá nas alturas. E por aí vai. Já Pantaleão perdeu um olho quando campeava uma rês na caatinga, mas na manhã seguinte conseguiu reavê-lo enganchado num espinheiro. Ato contínuo, colocou o olho na órbita vazia, mas para surpresa sua, percebeu que o mesmo lhe permitia agora perscrutar a própria mente, pois estava virado para dentro. Laerte voltou da Europa encantado com um novo carro lançado por lá pela Mercedes Benz, no qual, para se andar à ré, bastava deslocar o volante, encaixá-lo junto à parte traseira e girar o banco do motorista para trás.

São exemplos notáveis da arte de distrair as pessoas através da mentira e do exagero – sem lhes fazer nenhum, mal, diga-se de passagem.

Na falta de neve, guerras, cavalgadas, aventuras, trabalho pesado na caatinga e mesmo capacidade de invenção e observação do mundo de forma inteligente, bem como por suas reconhecidas limitações de vocabulário, o Capitão de Eldorado Paulista nem assim deixa por menos e não se peja em divulgar, a cada dia e com notável persistência, as chamadas *Mentiras do Capitão*. Vamos a algumas delas: Cloroquina cura covid; isso é apenas uma gripezinha; nós militares somos habilitados a gerir empreendimentos de governo; ganhei as eleições no segundo turno, mas houve fraude, deveria ter ganho no primeiro; no Brasil não houve ditadura militar; o coronel Brilhante Ustra foi um herói; tenho um passado de atleta; meu exército vai proteger as pessoas que queiram sair de casa e se expor nas ruas. Chega, né? Isso aí já confere ao capitão um galardão que de longe sobrepuja, juntos, Munchausen, Pantaleão, Alexandre, Laerte e muitos outros.

Mas o Barão tinha, pelo menos, uma sinceridade que falta aos demais, particularmente ao troglodita de Eldorado: “*Ao contar suas aventuras, a maioria dos viajantes tem por costume dizer que viu muito mais do que realmente viu. Portanto, não é de espantar que leitores e ouvintes algumas vezes sintam-se inclinados a não acreditar em tudo o que leem e ouvem. Mas, se houver entre os presentes a que tenho a honra de me dirigir alguém tentado a pôr em dúvida a veracidade dos relatos que faço, ficarei profundamente magoado por essa falta de confiança; e vou sugerir-lhes que a melhor coisa a fazer é despedir-se antes de que eu comece a relatar minhas aventuras marítimas, pois elas são muito mais maravilhosas, embora não menos autênticas*

E vamos combinar: Munchausen. Alexandre, Pantaleão, Laerte nunca fizeram mal a ninguém. Já do Capitão não se pode dizer a mesma coisa. No momento em que escrevo são trezentos e tantos mil mortos no Brasil.

10. DE QUINTAIS E POMARES

Há lembranças que a gente traz da infância e carrega pela vida a fora. Amigos, moradas, brinquedos, comidas, quintais. Comigo não é diferente; vivo tentando resgatar os quintais e os pomares da meninice, que se faziam presentes por todo lado. Em um tempo em que os prédios de apartamentos não eram tão predominantes na paisagem, era usual dar de cara com um bom quintal, fosse no próprio fundo da casa da gente, na de parentes ou mesmo ali, do lado, na esquina, em toda parte, enfim.

E havia tais pomares de todo jeito e para todos os gostos. Alguns, enormes, iam de uma rua a outra e chegavam até a dispor de um segundo portão, nos fundos, por onde entravam os moradores, quando tal acesso lhes servia de conveniente atalho. Ou, quem sabe, para saírem por eles subrepticiamente, diante de uma visita indesejada, por exemplo. Outros, mais modestos, dispunham, mal e mal, de uma espécie de triade sagrada da categoria: laranja, manga e jabuticaba. Ou ainda: limão, pitanga e ameixa, podendo ser também fruta do conde, carambola e goiaba. As variações podiam ser infinitas, nem vale a pena enumerá-las todas. Mas um cítrico qualquer, uma mangueira e uma goiabeira, com grande chance, estariam lá. Mais humildes ainda eram os pomares em miniatura, às vezes espremidos na beira de um muro qualquer, ou até no vaso improvisado em algum latão vazio, mas sempre generosos em sua produção, já que criados “na mão”.

Mas onde estariam os quintais em uma cidade como esta Brasília em que moro, com a presença tão marcante dos apartamentos? Por incrível que pareça, a ideia de quintais e pomares não é estranha aqui. Eles podem ser vistos, de maneira mais óbvia, nos grandes espaços que Burle Marx – creio ter sido ele – povoou de mangueiras. Quem sabe, foi ele também um nostálgico de pomares de infância? Um desses imensos e notáveis mangueirais, em formação perfeita, de que me lembro assim de repente, é o do quadrilátero no Eixo Monumental, entre a Praça do Buriti e o Museu do Índio. O final da Asa Norte, entre a L2 e o Eixinho L tem outro espaço assim preenchido. Viva as mangueiras, salve Burle Marx, mas são outros os pomares que me atraem aqui na capital do País.

Esses aí não se exibem de imediato, temos que saber buscá-los. Diria que são tímidos e até envergonhados de sua modestíssima condição plebeia. Organização, composição paisagística, estética florística,

planejamento botânico, são espécies que neles não florescem e nem frutificam. Para vê-los, é preciso ir a pé pelo interior das superquadras. E se tais quadras são super, os pomares de que falo são mínimos, quase invisíveis. Mas estão ali bem presentes, exibindo abacateiros, mangueiras, pitangueiras, cítricos diversos e até bananeiras. De onde vêm? Será que alguém os planejou? Quem os plantou e cuida deles?

Ora, não é preciso perguntar nem pesquisar no Google; é só prestar atenção. Eles geralmente se situam na parte de trás dos blocos, pelo menos naqueles onde não há estacionamentos, embora às vezes até disputem vaga com os veículos. Olhando melhor, esses pomares modestos se situam nas proximidades da entrada do pequeno apartamento onde mora o porteiro. Sua desordem, sua variedade e a presença de árvores de diferentes portes e gerações, mostram que elas estão ali plantadas ao sabor apenas da disponibilidade momentânea de mudas ou sementes. Sabe aquela manga docíssima que Cícero conheceu no Ceará? Pois é, ele felizmente teve o cuidado de guardar o caroço e quando retornou a seu posto de trabalho no bloco "X" da SQ "Y", fez questão de plantá-lo junto à sua porta, além de passar a cuidar bem da planta que dele brotou. Agora já produz a manga que traz a Cícero e a seus amigos Severino e Ribamar o melhor sabor do Nordeste, que está tão longe. E com história semelhante entram no cenário as pinhas, as goiabas, os abacates, as jabuticabas, os limões vermelhos, tão azedos quanto sem-vergonhas. E procurando se acha também umbus, pitombas, cajás e muito mais. Os mais práticos diriam: "que bom, nossos porteiros estão completando sua dieta com vitaminas, fibras e sei lá o quê mais"!

Eu, sinceramente, acho tais fatos nutricionais irrelevantes. O que esses quintais cultivados com pertinácia sertaneja, essas fruteiras cuidadas à boa mão, acrescentam, de verdade, à vida desses tantos que emigraram do sertão 3 brasileiro para a grande metrópole, tem significado simbólico e afetivo, muito mais do que material ou nutritivo. Com efeito, ali, junto àquela porta única que é entrada e saída ao mesmo tempo, na modesta habitação que os aproxima e afasta das classes dominantes da Capital, esses cidadãos podem ter o gosto cotidiano de sorver um pouco do que ainda lhes resta de vínculo e raiz com os quintais de sua infância e de sua aldeia natal. Com eles, o conceito de pomar foi, permitam o estrangeirismo, buleversado, ou seja, meio que abusado em sua bula burle Marxista.

Mas o que importa? Só espero que não lhes caia em cima algum burocrata, síndico ou administrador, falando em nome do respeito ao grande projeto engendrado pelos criadores de Brasília, de motosserra em punho, a derrubar símbolos e sonhos tão justos e necessários. Felizes foram e são aqueles em cuja vida floriram e frutificaram pomares, na quintessência de quintais. Severino, Cícero, Ribamar e eu não abriremos mão de nossas lindas lembranças e nem largaremos essa nossa bagagem de sabores e augúrios ao deus-dará.

POESIA

1. AMANHECIMENTO

Nem bem findada a noite, a aurora quase pronta
e a lua no poente, não mais que uma taça.
Assim, em tal cenário, a nós chegou a graça.
do amor, meio real, e meio faz-de-conta

Um galo saúda o dia, apenas por costume
logo é a manhã que vem, tornando treva em lume.

2. ANJO OU DEMÔNIO

(Sobre uma gravura de Escher)

Um anjo vai e o que retorna é um demônio
ou ao contrário, logo o anjo está de volta
fazendo o cujo depressa ir-se embora.
É assim que vejo, antes fosse sonho,
é tudo tão confuso se a mente anda solta,
ser anjo, demônio, arquidiabo, arcanjo?
Não sei, ao certo, depende do que espelho
se chega à noite ou rompe luz da aurora.
Se vem a luz e cega, coração prefere a treva,
não sabe o que é paz, apenas sente o relho
de satã que surge, se longe vai o anjo.
Assim entre dois fogos, lembro-me de Eva,
entre a cobra e o criador, sem ver outro caminho.
Não sei do paraíso, é algo que não tanjo,
E sem ter qualquer guia, só vejo o breu da selva.
Assim vou caminhando, de pés e mãos atado,
Prometeu que teve o figado há muito devorado,
não tendo o que mais dar, desejo apenas
(pouco importa): ser anjo ou ser demônio.
Mas sê-lo por inteiro, sem tantas duras penas.

3. FARINELLI

Um canto que vem do céu,
assim bruto, masculino,
ao mesmo tempo de anjo,
de contorno feminino.
Esconde-se atrás de véus,
e que garganta o produz,
é de menino ou de moça?
Esse canto assim divino,
onde chega traz a luz.
Para cantar de tal jeito,
há de ter vida completa.
Mas, calado, aquele peito,
fundo suspiro exalado,
triste sorte se revela,
um coração mutilado.
O mundo aplaude o cantor
mas ele, de si deserdado,
não mostra a alma a ninguém,
e nem conhece o amor
pela maldade, castrado.

4. DILEMA

Dizem que professo a bigamia,
mas é pura mentira e má vontade.
Ser monógamo é tudo que eu queria
ter por perto uma só e única mulher:
companheira, amiga e mais: esposa,
compartindo leito, lavor e bom talher;
mas também, quando menos desse conta,
cair nos desvãos fatais de uma paixão
que a tudo arrasta em rápida torrente.
Não sou, de fato, o que o mundo mau aponta:
crápula, insensível, um homem impudente.
Quero apenas que me concedam a razão,
pois é inútil, se é que possível, obter,
seja por via da virtude ou pela sorte,
o que a natureza não aceita conceder:
pode a vida ocorrer depois da morte
ou caminharem os bois atrás do carro?
Duas mulheres em uma única ajuntadas.
qual água e vinho, vertidos num só jarro?
é mister que se as tenha separadas...

5. ESTÚRDIA

Estúrdia e malquerente criatura,
afasto amalgafado teu rezedo
e mesmo que te esmeres em ser pura
disfarço meu ropino e me escafedo.

Reputo que o que arpejas tão sestrosa,
não pode me afastar de tal pejuz,
e essa esbrúsia que portas tão astrosa,
melhor me esboroaria de um só truz.

Esgalbarda, doidivana, bilharista,
que súparos persegues com tal sorno?
A mim só cabe recomendar-te, lista:

não mais abuses deste vício à coda,
de em minha fronte ergueres tal galhorno,
e ademais, vade retro, e logo exploda!

6. LUCIDEZ E CARINHO

Com lucidez e carinho
como falou o poeta
me chegam quase juntinho
duas cartas diferentes
uma triste e emocionada
outra bem calma e contente.
Em uma leio: "escrevo mal
não sei contar o que sinto."
Mas logo se contradiz
ao pôr tudo claro e limpo.
É carta fácil de ler,
mas não vem de aprendiz,
seu autor conhece a lida
de bem dispor das palavras,
tem tino de lucidez
mostra sapiência de vida.
Na segunda, outro estilo
não se desculpa, escreve,
e despeja em borbotão,

sentimentos, impressões.
Bem se vê imensa verve
a mente não lhe é avara
mas mais forte é o coração.
Ao escrever bem maneja
remédio que tudo sara,
formulado com carinho.
E com a força benfazeja,
do amor, ergue seu ninho.
Não sei o que mais me toca
se a lucidez ou o carinho,
se a certeza ou a poesia,
são ramos bem diferentes,
na mesma fronde gerados,
cobrindo de flores a via,
de um pai emocionado.

7. ODE A MANOEL DE BARROS

Manoel
de ares
de nuvens
de folhas
de pássaros
de flores
de bichos
de barros.

Manoel
leitor de borboletas
analista de corujas
arquiteto de cupinzeiros
cronista de grilos
contabilista de garças
projetista de libélulas
agrimensor de tocas e cantinhos
onde sapo e lodo
são uma coisa só.

Abelhas não gostam de Manoel
(querem fazer mel sozinhas).

Jacaré aprecia.
Jacaré entende tudo que ele diz,

ali, no banhado,
barriga no lodo e olho no céu.

No país de Manoel
coisas de enxergar são apenas a beirada.
O que há, mais, é de sentir,
e de ouvir:

perfume de flores amarelas, roxas e azuis
rabanada de jacaré: onde?
peixe comendo inseto
garça comendo peixe
aranha tangendo sua harpa de aço
libélulas em sem-vergonhice
um jaburu desencolhendo a papada
(roçadinho de pelica nova
que só se ouve quando não há
caramujo se botando fora da concha
vaginosamente)
- sucuri pede silêncio -
um besouro escorrega e cai
da folha do ingazeiro, obtuso
uma anta esterca no capão
para a alegria zumbideira da mosca verde
tibum!: foi a capivara madrinha
- e a sucuri de novo: silêncio,
ou eu engulo o mundo!

Lá no fundo de tudo
onde planície e céu fecham a derradeira baía,
da chaminé abissal disfarçada de cupinzeiro
onde água e terra ainda são o barro primal
onde sapos, peixes e caramujos são apenas projetos
com forma de nuvens e cores de sonho.
Bem de lá é que se ouve,
e quase não se ouve de tanto que se ouve
o murmurejo
o gorgolejo
o solfejo
brotados do pântano como o esquaxo de seres
que comem sol e se espojam em lodo:
a poesia aluvionosa de Manoel de Barros.

8. MOÇO BRANCO

(tema Rosiano, em forma de balada))

1

Moço branco
de onde veio
que lugares
já passou.

2

Vem trazendo
mansa força
muita luz
e puro amor.

3

Quanta paz
e alegria
nesta vila
semeou.

4

Moça linda
bem o viu
logo, logo
se encantou.

5

Seu pai, bravo
bem zeloso
quando viu
enquizilou

6

Fez-se calmo
todavia
quando o moço
o olhou.

7

Certo dia
uma semente
a um cego
presenteou.

8

Mas o cego
interesseiro
sua dádiva
desprezou.

9

Ia o moço
casa em casa
até que inveja

despertou.

10

Ele um só
eles tantos
que a muitos
evitou.

11

Até que em noite
bem escura
dez fogueiras
ele armou.

12

Veio uma nave
como em sonho
sobre a vila
flutuou.

13

Como sombra
na luz clara
moço branco
nos deixou.

14

Sua ausência
feito fogo
nosso peito
já queimou.

15

A semente
que deixara
bela flor
então gerou.

16

Moço branco
pra onde foi
espalhando
tanto amor?

9. MORNING AFTER

Um risco na água,
aragem bem leve,
oculto perfume,
longínquo assovio,
besouro no ar,
aranha em seu fio.

Eis o que tenho
um dia depois.
É muito, me basta:
ninguém furtará
a etérea riqueza
e o util talismã.
Com isto, apenas,
construo a manhã.

10. OFERENDA

Alguns fariam poemas amorosos,
e eu próprio não me furto a tal ofício.
Outros mostrariam feitos corajosos,
ou quebrariam as barreiras do possível.
Há quem preferisse um duelo nas esquinas
e qual um bicho marcaria bem visível
seu lugar, seu território, seu pedaço.
Mas faço diferente em minhas oficinas
e não me pejo em trazer a teu deleite,
o produto original de meu mister.
Da terra nascido, no caótico pomar,
em que raízes trocam seus segredos.
É grande a lida até podê-la bem saber,
pois é fruta sumarenta e enredeira,
e ainda há por fazer, tão forte é o amargo.
Há que aprimorá-la, na crespa esteira
e na prima escaldação, como um batismo
e em águas móveis passá-la noite e dia.
Depois cozê-la, em brando e lento fogo,
com o açúcar a domar os maus espíritos.
Agora o temos, crescentes bem douradas,

em que calda e resina finalmente
fazem a síntese boa e necessária.
É tal minha oferenda, e não te rias
se a um macho é estranho tal presente.
Um vero homem não deve carecer
de tais saberes. Antes, em tal área
é que de fato mostra-se mais macheza.
Ao invés de duelos e escaladas,
arroubos e tudo mais o que se arranja,
oferecer à sua amada toda a beleza,
de um ilustríssimo doce de laranja.

*****FIM*****